

ILUSTRAÇÃO

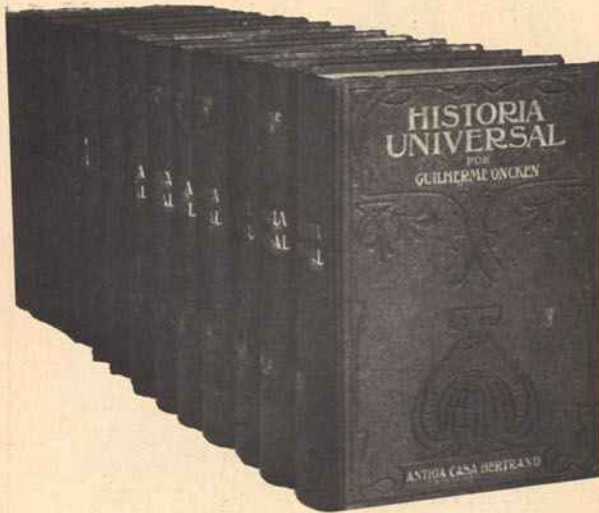


2.º ANO
NUMERO 31

Lisboa, 1 de Abril de 1927

PREÇO
4\$00

O NOSSO CONCURSO EM QUE CONSISTE



História Universal, de Guilherme Oncken,
1.º prêmio do nosso concurso

Durante a publicação do romance

“O MUNDO PERDIDO”

obra de mais alto interesse, algumas palavras serão substituídas no texto por cruzetas (+ + + + +) em número igual ao das letras que substituem. Trata-se de reconstituir, pelo sentido da frase a palavra substituída.

Essas palavras, juntas, formarão dois provérbios dos mais conhecidos e usuais.

Exemplo: Os + + + + +, esses formosos animais domésticos, quando chega a + + + + + apresentam fosforescentes os olhos que + + dia são + + + + + e sem grande expressão. Entre + + + + + os animais domésticos + + + eles + + únicos que possuem a faculdade de ver nas trevas.

Temos pois: Os *gatos*, esses formosos animais domésticos, quando chega a *noite* apresentam fosforescentes os olhos que *de dia* são *pardos* e sem grande expressão. Entre *todos* os animais domésticos, *são* eles *os* únicos que possuem a faculdade de ver nas trevas.

Palavras reconstituídas pelo sentido: *gatos, noite, de, pardos, todos, são e os.*

Colocadas na devida ordem, dão o conhecido provérbio: «*De noite todos os gatos são pardos.*»

Simple e intuitivo.

IMPORTANTE: No texto do romance, as palavras a reconstituir não sairão pela ordem que ocupam na frase que devem formar.

COMO SE CONCORRE

Em cada número da «ILUSTRAÇÃO», durante a publicação do romance

“O MUNDO PERDIDO”

será publicado um *coupon* numerado, que acompanhará o boletim do concorrente, que publicaremos com o último *coupon*.

Os prêmios não serão sorteados, mas atribuídos aos concorrentes que indicarem o número mais aproximado de soluções certas que lhes pareça ou palpite que devem ser-nos enviadas.

Exemplo: foram-nos enviadas 8325 soluções. O concorrente A. indica, como seu palpite: 8360 soluções, o concorrente B. indica 8300 e o concorrente C. 8250. Os prêmios seriam atribuídos: 1.º a B. (8325 — 25) 2.º a A. (8325 + 35), 3.º a C. (8325 — 75).

PRAZO DE ENTREGA

Para que os nossos assinantes e leitores da África, Ásia e América, possam concorrer, o prazo de entrega dos boletins do concurso, será de

3 MESES

contados da publicação do número em que termina a publicação do romance

“O MUNDO PERDIDO”

• • •

OS PRÊMIOS

1.º **Prêmio** — *História Universal* de Guilherme Oncken, em 20 vols. (16 publicados e 4 em publicação) encadernação de luxo.

2.º **Prêmio** — *Colecção de Teófilo Braga.*

3.º **Prêmios**

a) *Obras completas de Alexandre Herculano:*

20 vols., encadernação em carneira.

b) Edição monumental dos *Lusiadas.*

c) Edição monumental das *Pupilas do Sr. Reitor.*

d) 70 Vols. de Camilo (ed. da Parceria A. M. Pereira).

4.º **Prêmios** — 2 Colecções de Eça de Queirós.

5.º **Prêmios** — 2 Colecções *Lusitânia* (40 vols.)

6.º **Prêmios**

2 Colecções Antero de Figueiredo.

2 » Aquilino Ribeiro.

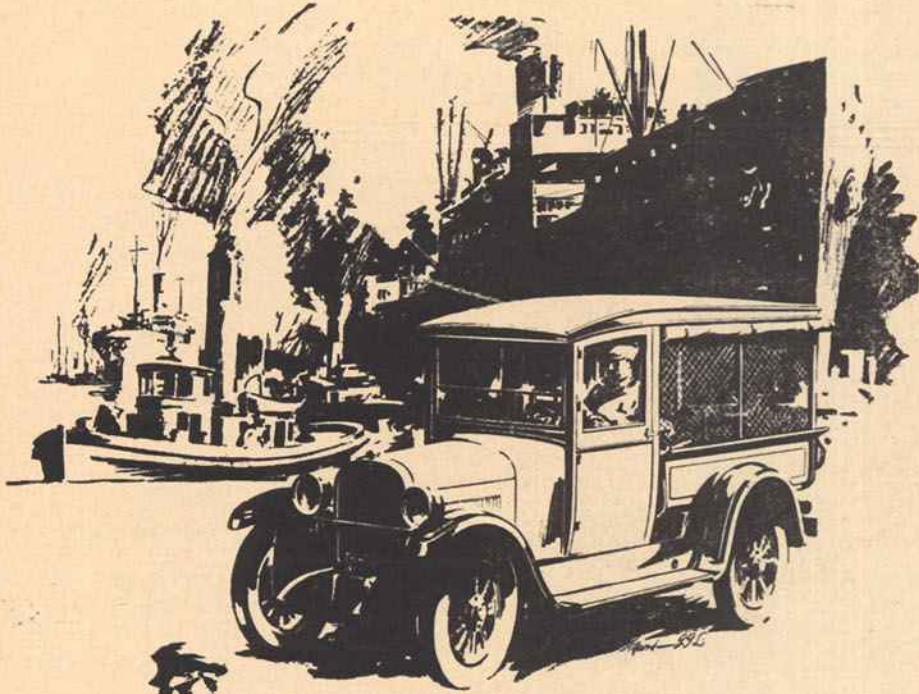
2 » Dicionários de Cândido de Figueiredo.

2 » Dicionários de Domingos de Azevedo.

Mais 50 prêmios de 100.000 em obras escolhidas nos catálogos das livrarias Aillaud e Bertrand.

Mais 40 prêmios de 50.000, idem, idem.

Valor total 15.000.000.



As Grandes Casas Commerciaes E Industriaes *Apreciam Estes Carros*

Os admiraveis registos de serviço do carro commercial Dodge Brothers teem demonstrado a sua capacidade para transportar cargas mais pesadas por periodos mais longos do que muitos outros carros taxados em identica ou maior capacidade.

Este carro é empregado hoje em todo o mundo e em grande numero pelas instituições mais importantes de serviços publicos, empresas de jornaes, grandes armazens de venda, companhias petrolíferas e outras que avaliam os meritos de um carro pela segurança, continuidade e economia do seu funcionamento, pequeno custeio de reparações e alto valor de revenda.

É munido agora de uma caixa que satisfaz todas as exigencias de serviço—que pode ser construida pelos fabricantes, ou localmente, para preencher requisitos especiaes

BERNARDINO CORRÊA. LTD.

LISBOA

PORTO

1, Avenida da Liberdade

21, Avenida dos Aliados

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

Leiam todos



O

MAGAZINE
BERTRAND
LEITURA PARA TODOS

Unico
no seu género
em Portugal

Acaba de publicar-se

O 4.º Número

O que disse o Alferes Gouveia
habil mecanico do

“ARGOS”

ao chegar ao

BRAZIL

“Estou absolutamente satisfeito com
o bom funcionamento dos motores ...
sinto-me ufano da gloria.”

(“Seculo” 18 de Março)

O QUE CONTRIBUIU PARA ESTE SUCESSO?

Um habil mecanico

Um motor excelente

e o emprego EXCLUSIVO

DE

GAZOLINA E OLEOS

SHELL



PETROLEO

M. d. F.

HAHN

PARA O CABELO



Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24\$00 FRASCO PEQUENO 17\$00
 VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.^{da}
 15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crecidião.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^o), 8, Rue de la Tacherie, PARIS

História de Portugal

POR

ALEXANDRE HERGULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA

O primeiro volume desta magnifica edição, será posto à venda nos fins do mês de Abril.

Os pedidos de assinaturas devem ser dirigidos aos Editores

LIVRARIAS
 AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Vidê anúncios na ILUSTRAÇÃO n.º 29

ACABAM DE APARECER

NOVAS EDIÇÕES

Vicente Blasco Ibañez

A Catedral
 (4.º Edição)

Jesuitas
 (3.º Edição)

A Cortezã de Sagunto
 (3.º Edição)

PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Magazine Bertrand

Encontra-se já á venda em todas as livrarias, tabacarias e em casa de todos os agentes e correspondentes das

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

Agencia Oficial **LINCOLN - FORD - FORDSON**

OREY LIMITADA

R. 24 DE JULHO, 42-A 42-C — LISBOA

Chama a vossa atenção para o anúncio publicado na capa

Raul Pereira

RUA DA VICTORIA, 42, 2.º

Tel.: C. 346

LISBOA



SEMPRE NOVIDADES
EM JOIAS E PRATAS

Amostras e orçamentos
para a provincia

O grande fabricante de automóveis e um dos primeiros industriais franceses, acaba de instalar um novo serviço de entregas para Portugal e Espanha, nos seus grandes armazens e oficinas em Irun (Fronteira Espanhola).

Desta forma todo o comprador de carros desta marca, fazendo um lindo passeio através o norte da Espanha, atravessando os Pirinéus e podendo visitar as grandes cidades de Burgos e Salamanca com as suas respectivas e imponentes catedrais, adquire o seu carro por um preço tão extraordinariamente reduzido, que a diferença lhe paga largamente as despesas que tenha a fazer com a sua viagem.

São três dias os necessários para vir de vagar de Irun à nossa fronteira, por magníficas estradas, onde os nossos carros só serão beneficiados em fazer os primeiros 1000 quilómetros.

Todo o serviço de transporte dos automóveis entre a fábrica, em Paris, e os depósitos, em Irun, é feito em comboios especiais.

Estamos habilitados a fazer entrega dos modelos abaixo para encomendas tomadas 15 dias antes.

Tabela de Preços em francos para Carros postos nos Depósitos "CITROEN" em Irun (Espanha)

B 14		B 15	
Chassis nu	16.300	Chassis nu	17.480
Chassis habillé	16.850	Chassis habillé	18.030
Torpedo de luxo	20.150	Camionnette, av. torp.	21.340
Conduite-Interior	22.000	Camionnette, av. cond.	22.880
Torpedos cabriolets (2 e 3 lugares)	23.450	Livraison	23.540
Conduites-Interiores (2 e 3 lugares)	23.450	Plateau, av. torp.	18.580
Taxi completo	20.000	Plateau, av. cond.	19.120
Torpedo comercial	19.820	Plateforme, av. cond.	20.770
Normande	20.150	Ambulancias (4 macas)	29.480
Boulangère, av. cond.	20.600		
Livraison	21.370		
Ambulancias (2 macas)	26.650		

Os carros serão entregues com todos os documentos necessários para atravessar a Espanha e com o respectivo certificado de origem para despacho em Portugal.

Os mesmos modelos entregues nos nossos stands de LISBOA ou PORTO custam:

Os nossos preços entendem-se para carros completos, com mis-en-marche, iluminação e klaxon eléctricos, ferramentas e 5 rodas calçadas com pneus "Michelin" tipo "Confort" com 4 molas inteiras e travões ás 4 rodas

B 14	ESCUDOS		ESCUDOS	B 15 PARA 1000 QUILOS	ESCUDOS
Chassis nu	15.000	Conduite inter. } 2 lugares	26.500	Chassis nu	16.000
Chassis com guarda-lamas e estribos	16.000		Coupé de Ville	32.500	Chassis com guarda-lamas e estribos
Torpedo Luxo	21.500	Taxi	27.500	Camionnette (av. Torpedo) com cobert.*	19.800
Conduite inter. Luxo	26.500	Camionnette-Torpedo	20.500	av. Cond. int.	20.200
Conch Luxo	26.000	Normande	18.500	Voit. de Livraison av. Cond. int.	23.500
Torpedo-Cabriolet } 2 lugares ..	26.000	Boulangère avant Cond. intér ..	16.000	Plateau } avant Torpedo	17.500
		Voit. de Livraison av. Cond. int.	20.000	av. Cond. inter.	18.000
} 3 lugares ..	26.000	Ambulancias com 2 macas	22.500	Plateforme av. Cond. inter.	18.000
				Ambulancias com 4 macas	26.000

Todas as encomendas deverão ser acompanhadas de 35 % do seu valor sendo o saldo pago nos nossos escritórios antes da partida para Irun, ou naquela cidade contra a entrega dos respectivos carros.

Pedidos aos concessionários para PORTUGAL e ILHAS: **Eduardo Roza, Limitada**

44 e 48, Avenida da Liberdade, 92 e 98 - LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUARIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

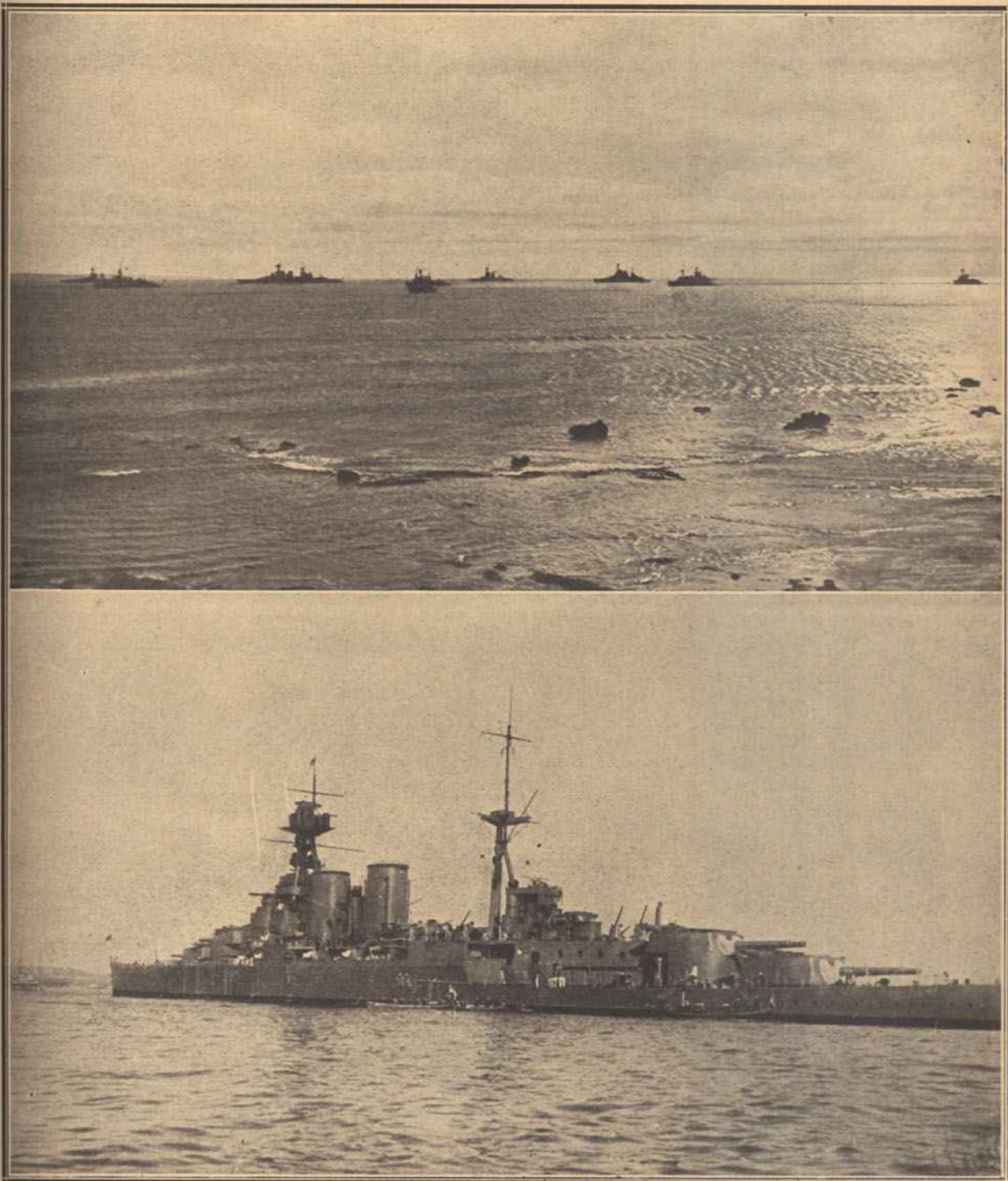
DIRECTOR TÉCNICO:

FELICIANO SANTOS

ANO 2.º—NÚMERO 31

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE ABRIL DE 1927



A ESQUADRA INGLÊSA DO MEDITERRANEO

Em cima: A ESQUADRA NA BAÍA DE LAGOS. — *Em baixo:* O NAVIO ALMIRANTE «HOOD», A MAIOR UNIDADE NAVAL DO MUNDO

NA CAPA. — A parreira da Horta (Extremós) — Quadro de Sousa Lopes

CRÓNICA DA QUINZENA

HENRIQUE Jorge Wells, o grande escritor inglês que faz profissão de profeta e por ela adquiriu renome universal, foi há dias recebido com grande solenidade na Sorbona e ali realizou uma conferência que, pelo sentido intrínseco assim como pelas circunstâncias do tempo, do lugar e das pessoas, interessa ao mundo inteiro e especialmente a nós, Portugueses, no momento político actual.

Oriundo da mais antiga e mais perfeita democracia moderna, hóspede de uma das mais fortes e avançadas democracias actuais, o ilustre autor das «Antecipações» foi ali fazer, do alto de uma das mais altas tribunas da ciência e do pensamento contemporâneo, o libelo-acusatório, quasi diríamos o processo-crime da Democracia, como forma do governo dos povos. E Wells não é um reaccionário como Chesterton, mas antes um avançado e quasi um extremista como Shaw.

No *Temps* de 17 do corrente Março pode ler-se e admirar-se o extenso resumo dêsse trabalho, que o seu autor intitula *A democracia revista e corrigida*. Em *El Sol*, de Madrid, número de 19 do mesmo mês, encontra-se um longo artigo sobre o mesmo assunto, artigo em que H. G. Wells nos apresenta como que o prólogo da sua conferência da Sorbona, e donde se vê que brevemente nos dará de-certo um livro de filosofia, crítica e previsão política, inspirado nas actuais e tão incertas condições de desequilíbrio não só europeu, mas mundial.

Para ele não há cura possível da Democracia, porque esta cura, onde se espera ainda, só se espera das reformas eleitorais, remédio que não pode atacar a raiz do mal, que é a indiferença, a ignorância, a incapacidade fundamental do eleitor. Não há já lugar para dúvidas: o cidadão não sabe, e nem sequer pode, fazer uso do seu voto com utilidade para a solução dos problemas mais importantes. O exercício da democracia moderna não só não tem sido capaz, ao cabo de várias gerações, de criar um verdadeiro e eficaz poder político, como destruiu os que existiam antes. O voto é simples meio de defesa de políticos profissionais, e não um utensílio construtivo. Em face das gigantescas necessidades actuais de construção ou reconstrução, a democracia moderna fez bancarrota, mostrando-se impotente para organizar governos originaes e inventivos, governos resolutos, penetrantes e previdentes. O maior indicio de força de vontade que ela nos dá consiste nesta miséria: deitar abaixo

o odienta e caprichosamente uma *équipe* de parlamentares ou de políticos, para a substituir por outra equivalente.

Todas estas verdades são conhecidas pela experiência política universal. Mais interessante seria que Wells nos dissesse o que prevê ou receita para o futuro. Ele próprio perguntou: «Haverá algures qualquer sinal de outra forma política mais construtiva?» E logo respondeu, sem aliás citar a Espanha ou Portugal, que também viriam a-proposito: «Vejo, ao menos, projectar-se adiante de nós a sombra de alguma cousa que indica a direcção de onde pode vir o movimento necessário».

Depois, declarando e acentuando que é adversário implacável do comunismo marxista, e que muitos aspectos do fascismo italiano lhe são antipáticos, Wells põe em relevo o «valor intrínseco» dêsse dois movimentos, «a sua qualidade intelectual e força propulsiva como organizações políticas»:

«Ambos êsses movimentos se recrutam sobretudo entre a mocidade; ambos êles são democráticos, no sentido de estarem abertos a todos os indivíduos que aceitam as suas disciplinas e satisfazem às suas exigências. Mas todos aqueles que se lhes consagram — homens ou mulheres — fazem-no com espirito essencialmente religioso, que lhes penetra vida e consciência com uma intensidade, que as religiões propriamente ditas raras conseguem hoje em dia. Assim o fascismo conseguiu atrair a si bastantes mancebos enérgicos para se apoderar de toda a Itália; assim o comunismo eslavo, apenas com uns cem mil aderentes em toda a Rússia, tem conseguido resistir a todos os assaltos. E é preciso confessar, sem embargo de muitas asserções em contrário, que nem na Itália nem na Rússia se nota a menor saúde do sufrágio; que nem na Itália nem na Rússia andam cidadãos pelos caminhos, de olhos esbugalhados, à procura das urnas eleitorais. Deve notar-se que as associações

de estudantes chineses tem este mesmo carácter; que no Japão, e noutros países ainda, activos agrupamentos similares estão desempenhando papéis cada vez mais importantes na vida pública respectiva.»

E o escritor inglês conclui assim: «Vêdes bem, senhores, que eu baseio a minha antecipação de uma fase nova dos negócios humanos, na convicção de que existem minorias profundamente sérias no meio da nossa espécie indiferente...»

Minorias profundamente sérias, eis aqui o núcleo do problema, e o germe fecundo dos tempos que hão-de vir. Onde elas faltem, o futuro será o caos; e, neste sentido, a evolução que H. G. Wells prevê, é a velha, a eterna história de todas as ideias que alastram e de todas as as revoluções morais ou sociais que triunfam, dando ao mundo o que nele pode haver de ordem, de progresso e de paz.

Em vários livritos de pobre filosofia política por nós mesmo publicados, tomámos a liberdade de antecipar-nos a estas recentes antecipações de Wells; e não tivemos aí maior merecimento, do que a coragem de mostrar nua uma alma que diz o que vê, e chora ansiosa pelo que desejaria estar vendo. A sinceridade é profética e a candidez, adivinha. Nisto consiste a nossa agudeza, como a de todos os outros pobres de espirito.

Mas agora acontece que num jornal de Lisboa, fiscalizado pelo nosso actual Governo, saíram há dias publicadas estas linhas, em que H. G. Wells poderia encontrar novo argumento para a sua tese: «A Ditadura Nacional, estabelecida e fixada pelo Exército, será o misterioso segredo que, da escola à oficina, do salão ao templo, do laboratório à fábrica, do campo à biblioteca e da família ao Estado, virá estimular e consagrar as inspirações geniais, as abnegações sublimes, os esforços inteligentes, as iniciativas nobres, as cruzadas redentoras do espiritualismo nacionalista»...

Há nesta espécie de Acto de Fé e de Esperança a unção religiosa, característica dos movimentos a que se referiu o escritor inglês. Como homem de boa-vontade, não poderemos senão dizer *amen*. Fartos do governo dos hipócritas, dos palhaços e dos vigaristas, ansiamos pelos dos místicos. Continuamos a desejar para Portugal uma minoria «profundamente séria», que acorde a maioria profundamente inerte, e domine a minoria profundamente vil.

EXPEDIENTE

Tornando-se impossível estabelecer agências em todos os núcleos de população das nossas colónias de África e sendo do conhecimento da administração desta revista que muitos compradores avulsos daquelas colónias desejariam assinar a *Ilustração*, lembramos que para receber directamente esta revista basta enviar-nos a importância da assinatura e endereço bem explicito para ser feita com toda a segurança a expedição pelo correio.

Por lapso, não dissemos, no nosso último número, que a respectiva capa era reprodução duma fotografia a cores, executada no Atelier Bobone.

ACTUALIDADES



Os cavaleiros do Santo Sepulcro numa cerimónia religiosa, na Sé

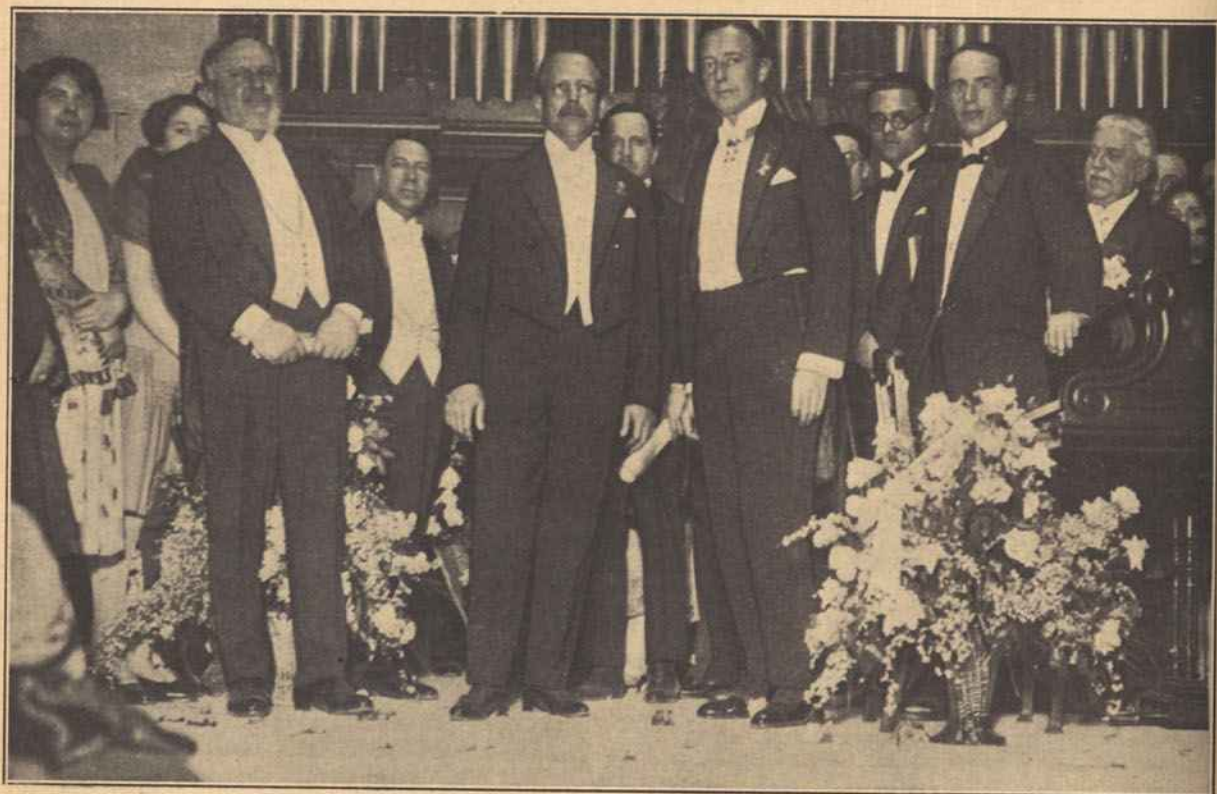


O chefe do Estado com comissão organizadora da União Nacional e os delegados da Confederação Académica

ACTUALIDADES



Assistência oficial à sessão comemorativa do aniversário da eleição do Sumo Pontífice, realizada na Sociedade de Geografia



No Conservatório de Lisboa, foi inaugurada uma lápide comemorando o 1.º centenário da morte de Beethoven e a execução das suas 30 sonatas para piano, pelo ilustre professor Viana da Mota

ACTUALIDADES



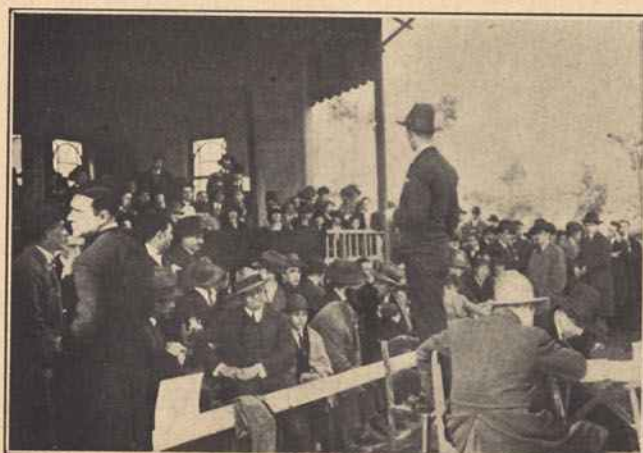
Nos ovais: *A esquerda:* A recitadora, D. Maria de Lourdes, que se exhibiu, com grande éxito, na Liga Naval; — *A direita:* A declamadora argentina, Glória Bayard, que deu um interessante recital em casa dos srs. Condes de Mafra. — *Em baixo:* *A esquerda:* D. Margarida Lopes de Almeida, distinta recitadora, com alguns professores e alunos da Faculdade de Letras. — *A direita:* O novo ministro de Cuba, D. Rafael Montalva Morales, depois da entrega das credenciais.



ILUSTRAÇÃO

ACTUALIDADES

Em cima: As alunas de canto da professora D. Cezarina Lira, que se apresentaram num concerto no Centro Musical Galeria de Paris, no Porto — *Ao centro:* Na festa realizada no palacete da sr.^a D. Vessina Ribeiro: um interessante grupo de convidados, que executou danças do século XVIII. — *Em baixo:* Torneio de tiro aos pombos, organizado por estudantes de medicina, em benefício da Maternidade; e a exposição do consagrado pintor Artur Loureiro, na Misericórdia do Porto.



SOCIEDADE ELEGANTE



Na recepção que se realizou, há dias, em casa da sr.^a D. Julietta Pereira de Sampaio Forjaz e de seu filho, o sr. dr. D. António Pereira Forjaz.



Grupo de assistência à festa realizada na elegante residência dos srs. Viscondes do Marco, à Junqueira



Uma festa de mocidade e de alegria num dos consulados estrangeiros da capital

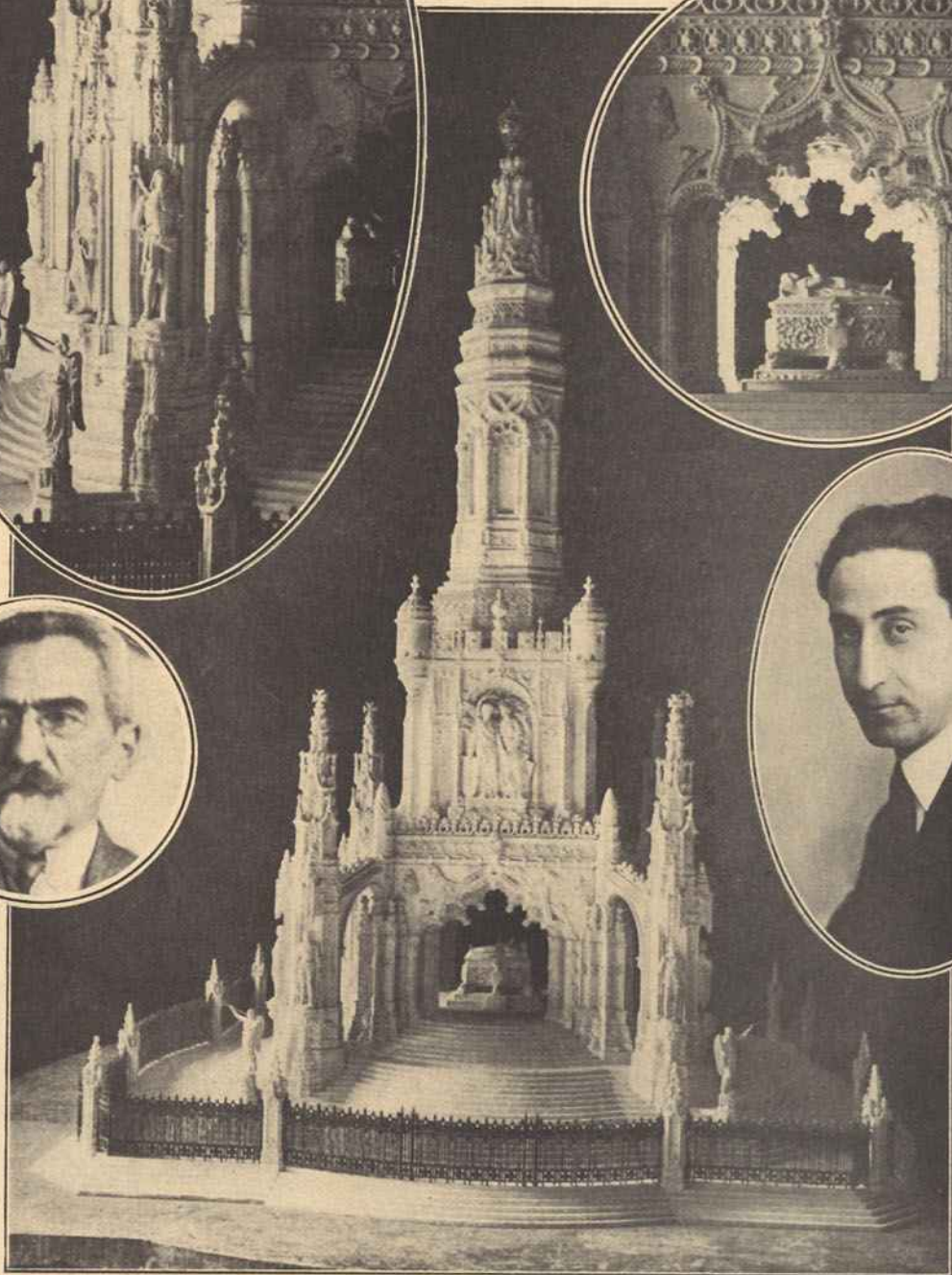
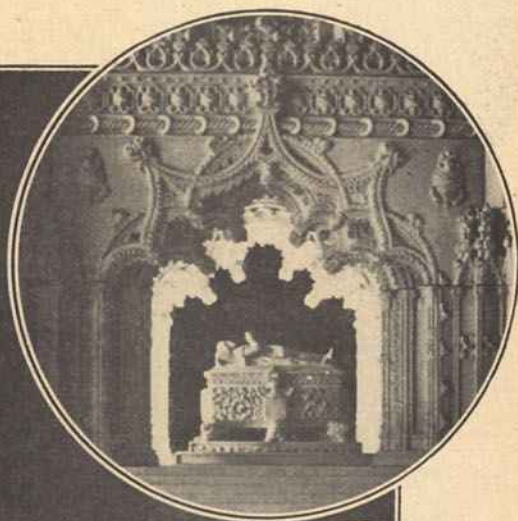
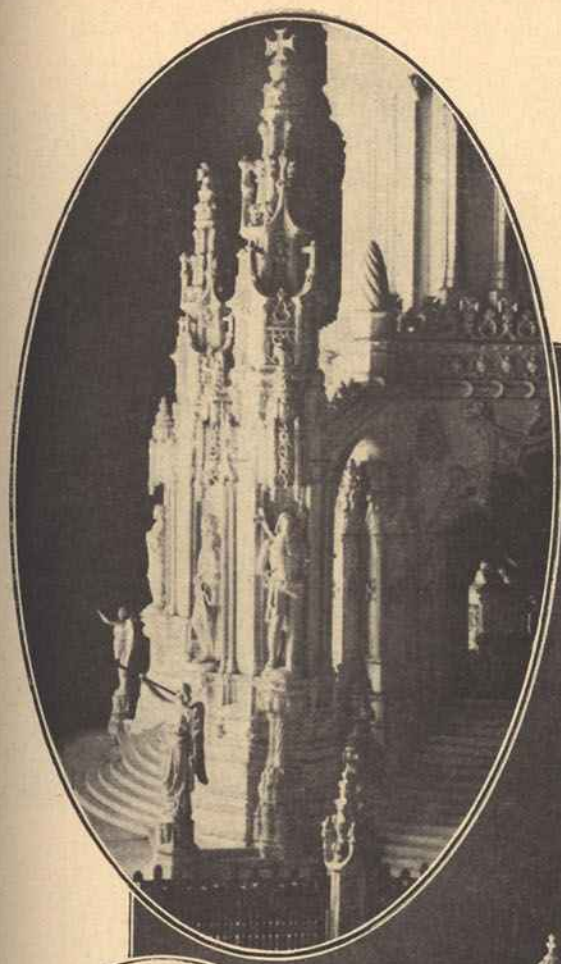


Um aspecto da assistência ao chá realizado na Legação da Argentina, em honra do sr. Embaixador do Brazil e sua família



GIO ENDER—D. Miguel

O MONUMENTO TÚMULO DE ESTACIO DE SÁ



Projecto do monumento túmulo de Estácio de Sá, fundador da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, que a colónia portuguesa no Brasil se propõe erigir naquela cidade. O projecto é do architecto sr. Cristiano da Silva (no oval, à direita) e do escultor, sr. Moreira Mattos (no medallhão, à esquerda)

A HULHA BRANCA



Na inauguração da primeira central da Empresa Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo: No medalhão: A bênção das máquinas pelo sr. Bispo de Portalegre. — A direita: Os ministros do Interior e Comércio e outras entidades oficiais.



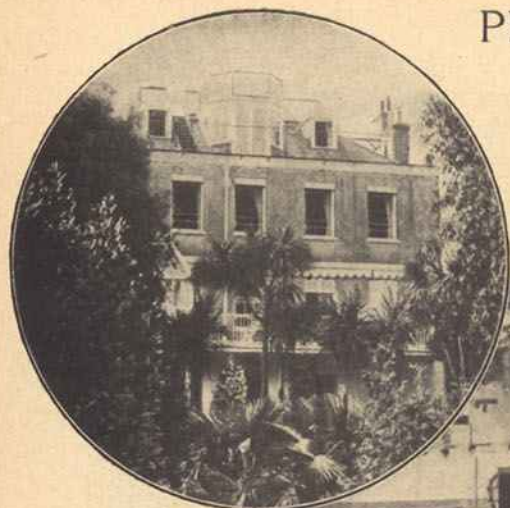
Em cima: A barragem da Ribeira de Niza, a mais importante obra hidráulica do país. — Em baixo: O sr. ministro do Comércio, pondo em funcionamento os transformadores da Central

PELO MUNDO FORA

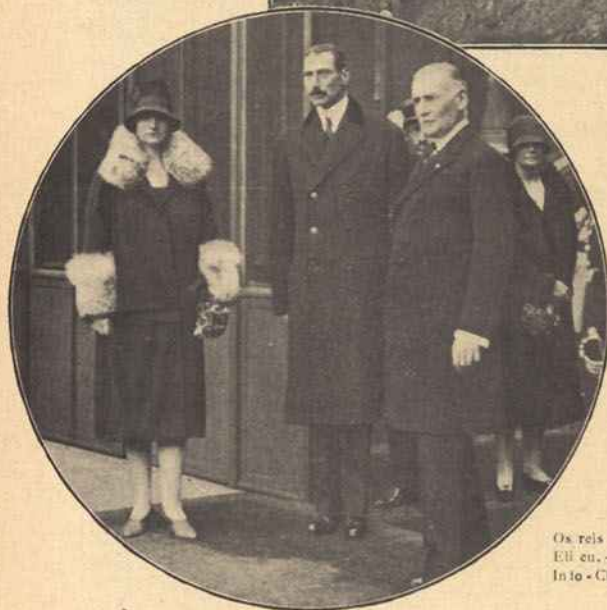


Em cima: Como se elegem em Paris a Rainha das Rainhas. — No opal: M.^{lle} Althe Lesage, Rainha das Rainhas de Paris e as suas damas de honra, M.^{lle} Georgette Faure, à esquerda, e Berthe Lucroix, à direita. — Em baixo: «La foire aux crêpes», o pitoresco uso dos artistas modestos de Montmartre, que fazem as suas exposições em plena rua

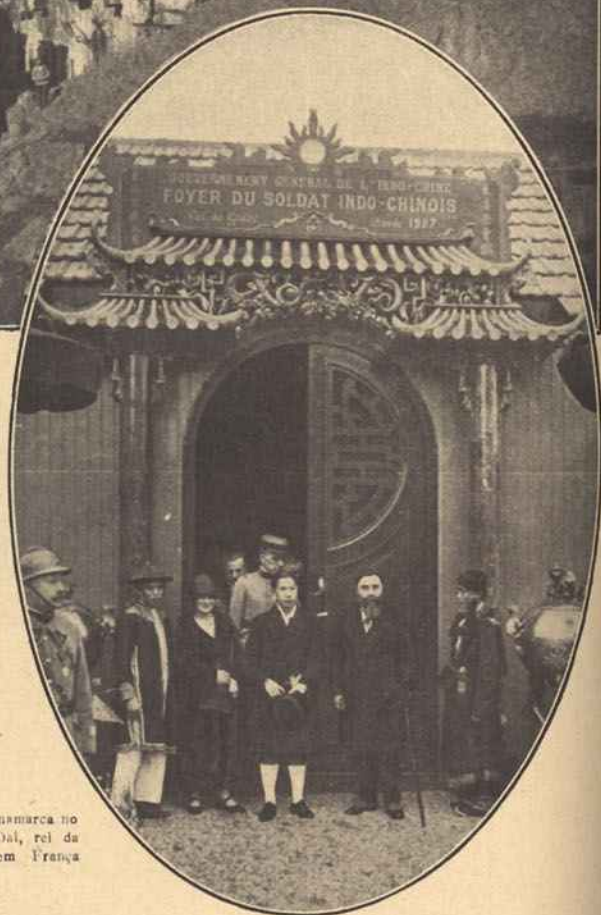
PELO MUNDO FORA



Em cima: A casa de Victor Hugo em Guernsey (Hauteville House) e os herdeiros do grande poeta ofertaram à cidade de Paris. — À direita: A cidade de Roquebillière que deslocamentos de terreno vêm ha meses destruído



Os reis da Dinamarca no Eli eu. — Haig-Dai, rei da Indo-China, em França



DESPORTOS

FOOT-BALL — O II.º PORTUGAL — FRANÇA



Os jogadores efectivos e suplentes do grupo português

O encontro anual de foot-ball entre os grupos representativos de Portugal e da França, teve lugar este ano no Campo do Estadio, tendo terminado pela brilhante victoria das côres portuguesas, pelo elevado «score» de 4 «goals» a 0.

O que foi este «match» já todos mais ou menos o sabem, pois que não só os jornaes da especialidade, mas tambem todos os diarios se occuparam detalhadamente do relato e critica do jôgo.

A «Ilustração» entende, porem, que deve publicar na sua pagina desportiva, diferentes fases do «match», assim como algumas apreciações ao jôgo e aos jogadores.

O desafio realisou-se num dia de semana, sob uma chuva torrencial, mas nem por isso a affluencia dos espectadores deixou de ser enorme e o entusiasmo du-



A équipe nacional franceza



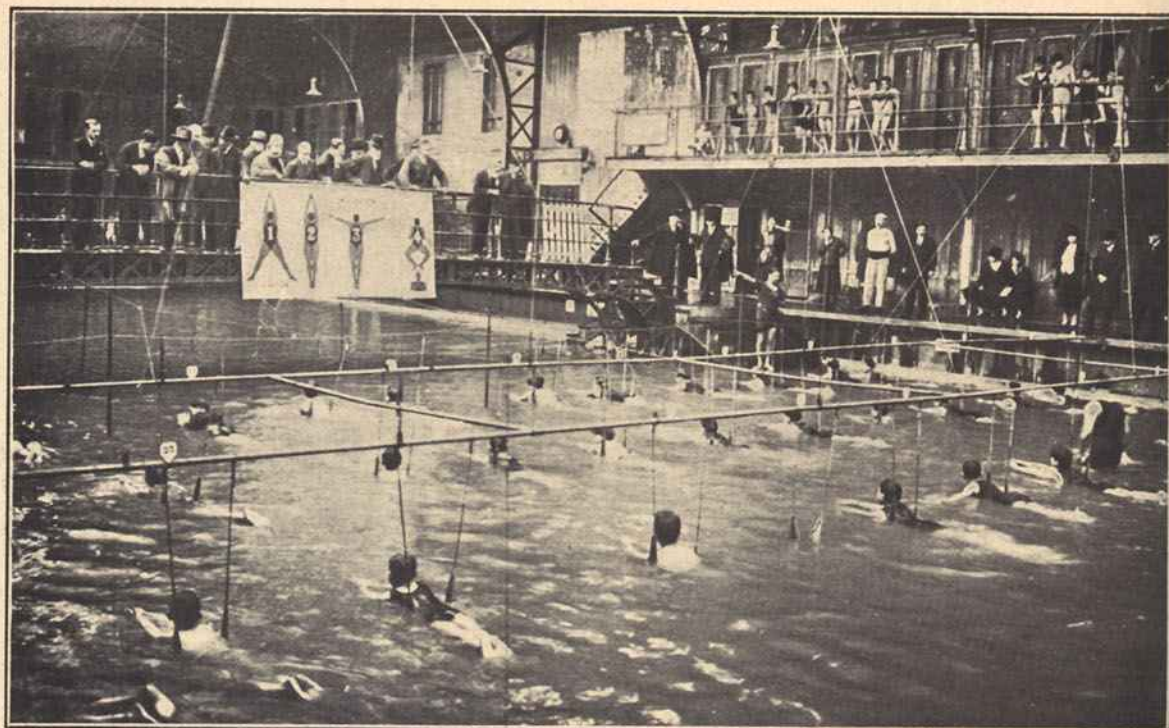
José Manuel Martins, rematando junto às redes francezas

ante o jôgo manteve-se sempre.

Calcula-se em 18,000 o numero de pessoas que á chuva e de pé firme assistiram ao jôgo e ninguém houve que no fim não saísse satisfeito, sem já se lembrar da muita chuva que lhe caiu em cima.

O trabalho da «équipe» portugueza pode ser classificado de bom, principalmente se atendermos ao pessimo estado de terreno que veio prejudicar o jôgo dos nossos homens, tirando-lhes as suas qualidades de velocidade que, como todos sabem, são um dos seus mais valiosos trunfos.

O onze portuguez não só jogou bem mas jogou com intelligencia, adoptando um jôgo de passes curtos e precisos que lhe permitiu pe-



A NATAÇÃO EM FRANÇA — Os srs. Le Trocquer, Branjon e Dr. Castellani, Conselheiros do Município de Paris, assistindo a uma lição dada às crianças das escolas parisienses, segundo o novo método de ensino da natação; adotado oficialmente

netrar no terreno dos adversários e marcar os pontos que nos deram a vitória.

Como de costume, a defesa foi melhor que o ataque, destacando-se a linha dos médios, que foi mais uma vez a grande constructora do nosso triunfo.

Os avançados conseguiram por vezes fazer bom jôgo, faltando-lhes contudo o remate junto

às redes e se assim não fôra o número de «goals» marcados seria bastante superior.

Os nossos adversários apresentaram um «team» que não é o seu melhor, mas que nem por isso deixa de ter bastante valor.

Belo fisico dos jogadores, grande velocidade nas jogadas, mas pouco entendimento dos avançados e mau remate de estes junto às redes.

Se assim não fôra teriam também aproveitado uma ou duas ocasiões, que tiveram, para marcar «goals». A nossa vitória foi nitida, sendo o domínio dos portugueses bastante acentuado na 2.ª parte do encontro, na qual jogaram à vontade e como vencedores, que o foram, de facto.



A NATAÇÃO EM FRANÇA — A «équipe» das «Mouettes» vencedora do torneio de Water-Polo, realizado em Paris, na piscina da Butte aux Coillies. — As nadadoras holandesas, Braun e Baron, que se classificaram em 1.º e 2.º lugar na prova internacional dos 100 metros — estilo livre



A PROVA REAL

(DESENHO DE EMMERICO NUNES)



A SENHORA DA RAPOSA:

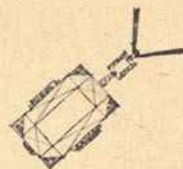
— Isto é que eu gostava que as invejosas das Pires vissem, para não andarem a dizer que o meu «renardo» é a «reinar».

JOIAS E ENFEITES

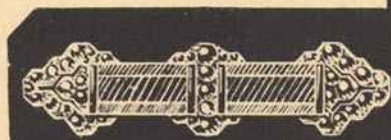


O gosto pelas jóias e pelos enfeites, esses pequenos nadas preciosos que tanto contribuem para o brilho e realce duma toilette, é, de dia para dia, mais requintado e exigente.

Os diademas caprichosos, nos quais a nota estranha da arte oriental se afirma em ousadias de forma e composição, os braçaletes recamados de pedrarias, que se usam largos e agrupados fartamente nos pulsos, os anéis, de aspecto simples, mas destacando bem na brancura da mão pelo tamanho da pedra única quasi encobrindo por



Um curioso alfinete de peito feito com uma esmeralda e diamantes



Estes dois modelos mostram a forma actualmente preferida para os alfinetes de peito. Como se vê, a severidade das linhas é compensada com a riqueza das pedrarias que se empregam profusamente



Os diademas para composição dum pentecado de cerimonia, são grandes, encobrindo quasi completamente a fronte. E claro que só devem acompanhar toilette muito luxuosa e decorada



completo a falange; os brincos, compridos muito compridos mesmo, quanto possível autenticamente antigos, e ainda os alfinetes de peito simulando um insecto ou representando um ornato simples de feito, mas rico pela profusão de pedrarias, tudo isto a coquetterie feminina procura hoje avidamente, em ambição patrocinada pela moda, de tornar o conjunto da toilette sumptuoso, feérico.

As jóias, os enfeites!... Oh! tentação!

As pulseiras são muito caprichosas. umas recamam-se de pedrarias brancas e de várias cores, outras são simples anilhas de jade adornadas com anéis de ouro





TOMAR—CLAUSTRO DO CONVENTO DE CRISTO

ILUSTRAÇÃO

OS CHAPÉUS PRIMAVERIS

O sol doirado e quente da primavera, faz-nos já aborrecer os pesados chapéus de veludo. De resto, as grandes casas de Paris apresentam tentadoras e opulentas coleções de modelos floridos, leves, frescos de colorido e disposição como as flores que já povoam os canteiros dos jardins. As formas de veludo não nos interessam. A moda recomenda-nos os chapéus de *faillé*, *gros grain*, fitas entrelaçadas e encanastradas com



Chapéu de *faillé* bege



Chapéu de palha exótica guarnecido com fitas de *gros grain*



[Ensemble de *georgette* bege - marocain castanho

artística e imprevisível graça e ainda as de palha *picot* ou exótica, sem exclusão, todavia, das formas de feltro que, decididamente, não desaparecerão tão cedo do primeiro plano da elegância. Como dimensões, é ponto assente que o chapéu pequeno prevalecerá, a despeito das tentativas feitas para o regresso das largas capelines. Desse intento, alguma coisa resultará. O chapéu pequeno não gozará dum aplauso tão exclusivista como até aqui logrou. Veremos este ano alguns chapéus de abas não exageradamente largas, mas que quebrarão a monotonia da uniformidade ultimamente imposta pela preferência do chapéu pequeno.

Este, entretanto, figurará em maioria. Não já com a pretensão a forma piramidal que o caracterizou durante a estação que finda, mas tomando mais harmoniosa e equilibrada configuração estética. Os *berets* e *turbantes*, parecem destinados a grande preferência. As cores dos chapéus da primavera, serão claras, vivas, alegres, mas deverão também combinar quanto possível com a cor da toilette, porque o gosto da moda pronuncia-se pela harmonia suave e artística do conjunto. O grande *chic*, dissemo-lo já, consiste em combinar o chapéu, o vestido, o calçado, as luvas, o saco de mão e a sombrinha, na mesma cor, embora em tons diferentes.

A CASA PORTUGUESA

CASA DE SANTA MARIA

CASCAIS

PROPRIEDADE DO SR. JOSÉ LINO



O SALÃO É NO ESTILO Suntuoso TRADICIONALISTA. AS PAREDES SÃO FORRADAS DE DAMASGO ANTIGO, ACIMA DO AZULEJO POLI-CRÓMICO; E NO TECTO — QUE É DE CAIXOTES DISPOSTOS EM FORMA DE MASSIEIRA — APLICARAM-SE ALGUMAS INTERESSANTES TÁBUAS DE PINTURA SEISCENTISTA



NA LIVRARIA, COM SUAS JANELAS ALTAS, HA A AMBIENCIA RECATAUA QUE A ESTE APOSENTO CONVÉM



NA SALA DE JANTAR E NAS RESTANTES CASAS, HA REGANTOS GRACIOSOS QUE REVELAM CARINHOSO TRATAMENTO DECORATIVO



Os Pescadores

EXPOSIÇÃO SOUSA LOPES

Pela segunda vez, Sousa Lopes encheu a sala da Sociedade Nacional de Belas-Artes com a sua obra. Da primeira exposição — Março de 1917 — ficaram provadas a força do seu talento e a sedução do seu colorido, em quadros como *O Cinzelador* e *O Cirio*. Depois, a guerra estendeu-se. Feito soldado, para combater com os pincéis, Sousa Lopes foi nas trincheiras, audacioso, sereno, dos artistas que melhor sentiram e exprimiram a grandeza da luta, o sacrifício do homem cinzento.

Integrado no ambiente militar, êsse capitão-pintor cumpriu excelentemente o seu dever, fixando em telas e fôlhas decisivas a realidade dos cenários de morticínio. A arte, fruto de concórdia, tornou-se para êle uma flor da guerra, levando-o a postergar, pela paz dentro, anos a fio, as suas tentativas de outro género, absorvido pela execução dos painéis documentadores que hão-de honrar o Museu de Artilharia.

A essas decorações pertence o vasto friso de *A Rendição*, fresco palpitante, que, logo à entrada, em Barata Salgueiro, nos recua aos dias sombrios em que a vitória hesitava ainda.

A parte relativa à guerra, constituída por pinturas, águas-fortes e desenhos, forma o núcleo central da nova exposição. Procedendo dêste modo, e dando-lhes o primeiro lugar no catálogo, o artista demonstra o carinho que lhe merece êsse período, bem aproveitado, da sua

vida e sua arte, que logrou imprimir duradoura actualidade ao que vai deixando de a ter.

•••

É muito interessante a trajectória artística de Sousa Lopes. Num dos seus primeiros quadros, *Ordinas*, do Museu de Arte Contemporânea, há a visão de uma forma luarenta de mulher açulando a espada dum cavaleiro. Quere dizer: o futuro pintor da guerra em Portugal, começava por devanear sobre um tema lendariamente guerreiro. Estimulando o seu patriotismo e o seu amor à França, a guerra deparou-lhe o providencial ensejo de conviver com a força, de tratar mais de perto o valor, a heroicidade.

Pintando soldados, Sousa Lopes não foi um pintor de batalha à moda antiga, nem um sentimental anotador de episódios comoventes. A comiserção não é o seu fraco. Seduzem-no a energia, o esforço, o poder de derrubar obstáculos. Colocando-o num meio favorável, a guerra acentuou o seu temperamento. O pintor, já forte ao partir, regressa-nos, dos seus trabalhos de guerra, reforcado.

É o trabalho a guerra de todos os dias. Bate-se o marítimo com o mar. O camponês combate no sol. Remos e enxadas são também armas. Ansiosa de humano potencial, a arte de Sousa Lopes buscou no campo estreminho, onde nas-

ceu, e nos barcos do Furadouro e de Caparica três admiráveis aspectos do trabalho em Portugal: *Os Pescadores*, *Os Cavadores* e *Ao Crepúsculo*. Pelo assunto, o primeiro e o último são duas revelações das riquezas pictóricas e esculturais da fama marítima.

Os Pescadores, tratado decorativamente, em grandes planos anatómicos juxtapostos, e estilizado com clássica sobriedade, é um «cartão» surpreendente, destinado a tornar-se célebre. Faz pena que não haja, em Lisboa, uma casa das indústrias, ou palácio do comércio, para o albergar condignamente, porque êle não é uma obra de museu; sim, apoteose de vida, suscitadora de energias.

Diante dos *Pescadores* — réplica negro-sangüínea ao livro azulescente de Raúl Brandão — quem tiver cultura artística pensa na evolução da pintura mural, da Renascença até nos modernos. Cheio de largueza e vigoria, esmagador, quasi sonoro à força de movimento, o quadro de Sousa Lopes documenta, à distância de quatro séculos, o caminho percorrido desde que, no pintor da Sistina, o verbo de Dante se fez figura. É a sobrevivência do mesmo processo baixo e hercúleo, a persistência da técnica infinitamente sugestiva de dar a côr pela forma e construir as formas pelo volume. Esses vareiros titânicos, de tronco nu ensaltriado, que, em épicas remadas colectivas, levam para o largo o barco, sob o qual se arqueia o dorso rebelde

do mar, — o mar do Furadouro, que noutra tela se admira — não têm, que me lembre, precedentes na arte portuguesa, sendo, aliás, do mais sério e do mais representativo que ela tem produzido em todos os tempos.

Até na obra valiosíssima do pintor, por vezes um pouco francês de espírito, eles são excepcionais. Mais chegado, neste quadro de esculturas, aos italianos — a Sartorio, por exemplo — o latinismo de Sousa Lopes mergulhou, atávicamente, nas tradições náuticas da Grécia, de Roma, de Cartago: do tempo em que ainda não existiam marinhistas, mas os rudes animadores das equipagens, das naucaquias e dos argonautas.

Olhando *Os Pescadores*, hemdiz-se a sina dos pintores, que não é só repetir o que todos conhecem, mas descobrir o que ainda ninguém vira, pelo menos assim. E é curioso que, após as suas visões da guerra, com soldados de pelicos e saíes, céus brumosos de neve, e rédes de camuflagem, o pintor, ressurgindo do pesadelo, e convidando-nos a crer no trabalho, nos ofereça, num céu claro do sul, com o mar português a glorificá-la, essa exaltação da pujança dos arcabóios lusos.

O quadro é um autêntico achado de composição. Chega a não parecer feito agora, mas obra-mestra descoberta em algum tesouro. Tudo é ali excelentemente combinado, as atitudes dos remadores e a solidez gigantesca do material. O outro barco, que se vê ao fundo, redução quasi completa do do primeiro plano, complementa-o com felicidade, elucidando-nos sobre a forma arcaica da embarcação e a disposição dos remos colossais.

Ao Crepúsculo, na Costa de Caparica é outro aspecto do trabalho costeiro: o dos pescadores que, por meio de travas presas na borda, arrastam o barco pela areia até ao mar. Pintada ao pôr do sol, a scena, dada com mais pitoresco, mas menos evidencição plástica, do que no anterior, é de uma riquíssima policromia de efeitos: um desses poentes joalheiros da beira-lejo, irisantemente interpretado em cambiantes fantasmagóricas de rutilância.

Os Cavadores são seis homens em fila, de

enxada em punho — antigos companheiros de escola do pintor alcobacense — cavando uma terra acarinada, onde o sol reverbera, iluminando-lhes, de baixo, os rostos. Talvez um nada pôsados demais, o que imprime ao quadro certa dureza, há, no entanto, impulso e suor nesses corpos que desencrostam a terra. Quatro enxadas lampejam ao alto, duas tendem o solo, na tarefa de preparar o campo. Alogueada poeira adensa o ar, e o próprio céu parece que é do torrão mordido que recebe a luz frutificante e violácea.

São trabalhos de fôlego esses quatro: *Os Pescadores, A Rendição, Ao Crepúsculo e Os Cavadores*. Rodeiam-nos muitos outros, de variadas épocas, cujo comentário, por exigências de espaço, tem de ser mais breve.

Sousa Lopes é um fecundo e um luminoso. O seu equilibrado impressionismo preocupa-se com a refulgência, a scintilância, direi até, a fosforação das tintas. Certas suas telas, como algumas de Besnard, não se anulam de todo à noite, clarejando no escuro. Bem sei que isso, quando desacompanhado de outros valores, não é predicado artístico. Conjugado com outras qualidades, dá, porém, a ideia da intensidade



O Arraial de S. Salvador

crômica, da obstinada realização luminica, de quem o consegue.

Orquestrador de matizes contrários, casando tons neutros e tons violentos sem intermediários, e desdenhando a miúdo do claro-escuro, é preciso reconhecer, na técnica de Sousa Lopes, esplendor e força verdadeiramente invulgaes: tanto mais de apreciar, quanto o pintor não é um superficialista, mas um construtivo, um estrutural, que não erra, nem dispensa o desenho.

Abundam as coisas belas e luminosas nesta exposição, que tem sido um grande acontecimento de arte. O n.º 18, *Natureza morta ao ar livre*, é uma delas. Outra, ao lado das lindíssimas *Begônias na estufa*, é o quadro feminino intitulado *No Parque*, delicioso de leveza e transparência, quer na água do lago, quer nas meias estriadas e no vestido amarelo da figura, que segura, entreaberto na mão acarinhada, um livro encarnado, poisando leve na doce atmosfera do jardim, cujas olaias o artista retrata alhures.

Os berrantes trajes minhotos estridulam no tipico *Arraial de S. Salvador*, no quadro *As de Afife e as da Areosa na Senhora da Agonia*, a que o incompleto não tira a graça, e na mancha ligeira da *Feira de Lanheses*. Diz bem o Minho com o tom festivo da paleta de Sousa Lopes.

Castelo de Vide, de que os leitores da *Ilustração* conhecem, por tricomia, a *Fonte da vila*, deu ao artista outros ótimos trechos, como *A Praça*, e as duas magníficas paisagens *Manhã de Novembro* e *Outono*; sobêrba esta última.

A *Parreira da Horta*, em Extremoz, adorna a capa deste número, e é preciso também não esquecer o tão arejado *Muro cor de rosa*.

Em Caparica, de onde trouxe o fulguroso *Ao Crepúsculo*, colheu o artista mais barcos, marinhas e horizontes: *O Céu de Caparica*, *O Barco novo*, *As nuvens*, *Ao cair da tarde*, *A maré da manhã*, e o n.º 50, *Ao romper do sol*, belo estudo de luz matinal.

Da *Côte d'Azur*, com o azul mais carregado do Mediterrâneo, há várias telas encantadoras: *Manhã no golfo de Saint-Tropez*, *Barcos de pesca*, *Avela branca*, *Aldeia de ouro*, *Saint-Maxime*.

Na praia de Bouillabaisse, como *As duas irmãs*, são quadros a destacar, e ainda *Os Plátanos de Minuty*.

A Argélia também mereceu os carinhos do pintor em viagem: *Tarde de Ramadan na Kasbah*, *A escada da Mesquita de Sidi Abder Baman* — céus pálidos, mulheres veladas, mouros fôhies, tons de resplandecências opalinas.

Finalmente, uma máscara de Madame Sousa Lopes e um medalhão de Vieira Natividade documentam os ensaios de Sousa Lopes como escultor.



Os Cavadores

MANOEL DE SOUSA PINTO.

CINEMATOGRAFIA

Quebramos por este número a seqüência dos nossos argumentos dos mais belos filmes editados no mundo inteiro, para darmos um ligeiro apanhado de notícias interessantes de toda a produção cinematográfica, certos de que os milhares de fervorosos cinéfilos que existem já, felizmente, no nosso país, se interessarão por esta rápida resenha que repetiremos de quando, em quando, acompanhando-a sempre de fotografias flagrantes de aspectos dos estúdios, vida íntima dos artistas e scenas pitorescas da vida cinematográfica. No próximo número tornaremos aos sugestivos argumentos que tanto teem interessado os nossos leitores.

tos de Satanaz) sob a direcção de Grilith e uma pequena comédia para a First National, foi contratada pela nova firma P. D. C. onde trabalhará sob a direcção de Cecil B. de Mille.

«Napoleon», de Abel Gance, o mais discutido de todos os filmes nestes últimos anos, está pronto por fim, após muitos meses de trabalho de laboratório e de montagem. Este filme que apenas narra a vida de Bonaparte até à sua coroação, a pesar de não ter sido ainda apre-

nus femininos. Depois disso os censores tornaram-se ferozes mas os editores combinaram uma «blague» colossal e teem-lhe apresentado os filmes mais inocentes com títulos terrivelmente prometedores das mais desbragadas immoralidades. Isto traz os bons censores em sobressaltos contínuos, obriga-os a um esforço de atenção enorme, a um trabalho medonho e talvez lhes quebre a fúria tremenda de cortar tudo que os puritanos de escada abaixo entendem!...

A pitoresca e deliciosa comédia de Labiche, «O chapéu de palha de Itália» tem sido disputadíssima para fornecer um argumento cinematográfico. Parece que foi por fim adjudicada a propriedade dos seus direitos de adaptação ao



Norma Shearer, a mais linda «Star» da Metro, no seu encantador «home» em estilo japonês

Dois grandes artistas italianos trabalham agora em França. Carmine Gallone dirige o filme «Celle qui domine» com sua esposa Soava Gallone e Leon Mathot e o reputado encenador Eduardo Guarino dirige «Vite, embrassez-moi» com Dolly Grey.

Marcos Loew, presidente da Metro, vai construir em Nova York uma sala de espectáculos para 3.500 lugares de luxo. Este edificio está orçado em oito milhões de dólares de custo.

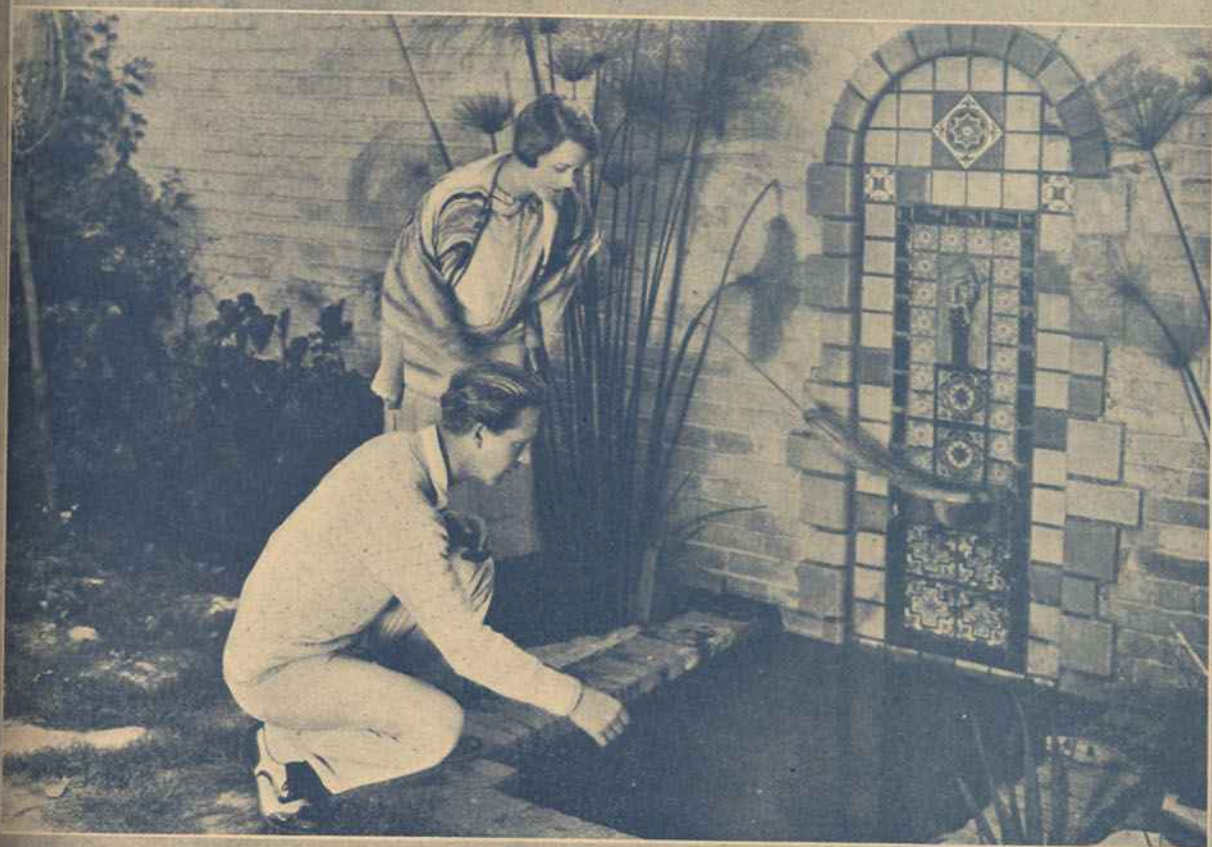
Lya de Putti, uma das grandes artistas europeias que os americanos raptaram à força de dólares, depois de ter interpretado para a Paramount «The Sorrows of Satan» (Os desgos-

sentado, está já vendido para todo o mundo. A sua exhibição de gala será feita em 7 de Abril na Grande Opera de Paris e Abel Gance prepara já outros dois filmes que são como que a seqüência d'este e que traçam respectivamente a ascensão do idolo francês até ao pináculo da glória e depois a queda da água gloriosa até às brumas mortais de Santa Helena. O mestre cinematografista terá assim realizado a epopeia napoleónica completa.

A censura alemã que se mostrava sempre dum grande indulgência, foi espicada pelos pretensos moralistas por ter deixado passar incólume a grande produção de arte «Caminho de Força e de Beleza» onde abundavam os

éran ao grande artista Marcel L'Herbier mas este, por sua vez, vendeu os direitos adquiridos à «Albatros» que encarregou imediatamente René Clair, o realizador de «Paris que dorme» e «La proie du vent» de começar imediatamente a filmagem do pitoresco vaudeville para o que se procura actualmente uma distribuição especialmente cuidada.

Depois da «Carmen» com Raquel Meller e Luis Lerch, que os franceses executaram, os americanos da «Fox» vão lançar uma outra versão da obra prima de Merimée. O director foi Raoul Nalsh e os intérpretes principais a mexicana Dolores del Rio e o argentino Doa Alvarado.



Uma scena da opereta cinematográfica «O Príncipe de Pisen». — Lars Hanson e Greta Nissen, casa de artistas suecos, no seu jardim de Hollywood

FALA!

Nem antes nem depois de Miguel Ângelo se chegou a realizar uma escultura mais poderosa e mais acabada do que o Moisés que figura no túmulo de Júlio II, em S. Pietro in Vincoli, em Roma. As artes grega e romana tê-la-iam criado mais olímpica e serena, teriam modelado a augusta cabeça do Profeta talvez segundo o Júpiter de Otricoli, dando-lhe a grandeza e a majestade tranqüila de um deus; insulfando-lhe no semblante qualquer coisa que o colocaria para lá da Humanidade. Miguel Ângelo, com a sua atormentada ância de empolgar a vida, fez um homem em cuja frente vasta se aprofundam e tumultuam os pensamentos do legislador, do chefe, do que recebeu a palavra inspiradora. Perante ele, apaga-se o mesquinho túmulo do Pontífice, desaparece a ridícula estátua de Júlio II por Muso del Bosco, esquece-se a dolorosa imperfeição de Raffaello de Montelupo no acabamento da Vida activa e da Vida contemplativa. Só Moisés ali vive para o nosso olhar assombrado, para o nosso coração comovido, para todos os nossos sentidos absortos. Toda a febre criadora da Renascença se concentra nessa figura terrível «cujos olhos nunca se escureceram e que nunca perdeu o seu vigor.» Perante ele, tremem as almas como varas que o temporal acõita. Ignorante ou sábio, inteligência em trevas ou espírito singularmente esclarecido, diminuem-se



Monumento a Júlio II

imaginação criava de um jacto e a sua mão era febril enquanto não ultimava a obra. Fechava-se, comia frugalissimamente, não tinha outra preocupação, outro desejo, outra tortura. De noite, enfiava na cabeça um chapéu de cartão no qual fixava uma vela; e, decisivo, forte, ia abrindo na carícia do mármore as ondulações das carnes, as pregas dos panejamentos, o mistério dos olhos, as mãos que tateiam, as bocas que beijam, que amaldiçoam, que se esvaem num lamento. Quando pintou a Sixtina, dormiu noites e noites no andaime. Os gregos não souberam ir além da pureza das formas, da correção impecável dos traços fisionómicos. O Florentino viveu noutro tempo e falava outra língua. Se Deus existe, Miguel Ângelo é maior que Deus; porque Deus fez o homem que dura apenas anos, e Miguel Ângelo fez homens que duram séculos.

David concentra toda a vontade, a força vital no feito máximo da sua acção bíblica. Não é tam violento, tam flagrante, tam activo como o David, de Bernini; mas como realizar melhor, com mais nobre elegância, com mais rigoroso academicismo, tendo na sua frente um bloco estreito e enorme perante o qual naufragara o génio audacioso do divino Leonardo?

Lourenço de Médicis, o Magnífico, recolhe-se no mais profundo de si próprio, esquecido de tudo, o pensamento absorto, sorhendo e sofrendo.

Moisés fala. Na sua frente espaçosa, que duas fundas rugas cortam perpendicularmente sobre o nariz robusto, cachoam as ideias, deixam sinal as preocupações de libertar a sua raça da tirania dos faraós. O seu olhar tremendo que viu as areias intermináveis e fúscantes do deserto, que comandou os miseros israelitas durante anos, animando-os com o sonho de uma terra doce onde manava o leite e o mel, onde as árvores novavam cobertas de flores, — o seu olhar, que ainda conserva o espanto da visão do Sinai — «no monte ardia em fogo até o meio dos céus e havia trevas e nuvens e escuridão» — dir-se-ia que vai cair sobre nós como um anátema aniquilador. Dir-se-ia que a sua boca grossa, ornada de longas e patriarcaes barbas encanudadas, vai abrir-se sobre a palavra de Jehovah, e que a sua voz, trovejando, vai soar pelas campinas de Moab o último cântico bíblico: «Embringarei as minhas setas de sangue e a minha espada comerá carne».

A turba-multa dos israelitas, sordidos, de cabelos negros, cobertos de terra, a envolverem-se-lhes nas cabeças e nos queixos, fedendo a suor, a quem os calores do deserto estalarão e tismaram mais os corpos mirrados nas vestes esfarrapadas, recuam em bando acovardado,

aconchegando-se uns contra os outros, tartamudeando sons roucos de pavor. Ao mesmo tempo as mulheres da tribo, sacudidas as carnes, secas e maceradas da longa vida errante, por arrepios de medo, abrem desmedidamente os olhos negros, apertam nervosamente as tenras crias e soltam gritos alitivos e confusos, mal compreendendo se o Profeta lhes garante a salvação ou se é contra elas que vai voltar-se a sua ira ciclónica e destruidora.

Moisés vai falar, e a sua voz que cobrirá o ribombo do vagalhão gulgando, ruivoso, em poeira líquida e espuma, as fráguas impassíveis, não terá modulações de ternura nem será unguida de suavidade religiosa e paternal. Será como látego, silvando nos ares e enrolando-se sem piedade no dorso do paciente; será violento, chicoteante, ecoará para além das gerações, para lá dos séculos. Em vez de carinhosa será esmagadora; em vez de persuasiva será autoritária; em vez de convincente será imperiosa.

Ei-lo que se ergue, desdobrando a sua imponente e gigantesca estatura. Caiu-lhe até os pés a longa túnica que, então, se lhe arregaçava despreocupadamente, pondo a mostra o joelho enorme. Sobre a testa, entre os cabelos revoltos, brilha-lhe os cornichos da inspiração divina. As barbas desceram-lhe sobre o vasto peito que arde a compasso fundo. Nas mãos enormes, pergaminhadas, onde avulta a rede das veias pulsando, segura com força as tábuas do testemunho. Tem os braços nus e os músculos retesos, já não aparentam a elasticidade do homem moço, adextrado nos trabalhos rudes do pastoreio e da lavoura; mas conservam ainda a rigidez que, noutros tempos, nas terras longinquas de Midian, lhe permitia esgrimir, com vertiginosa rapidez, em defesa do rebanho do sogro, o nodoso enjudo que Jehovah havia de transformar em serpente.

E Moisés, batendo no chão com o pé forrado pela sandália, atirou contra o seu povo o castigo das suas palavras, porque o soube adorador.



Moisés



Moisés (pormenor)

todos, agrupam-se uns contra os outros como rebanho apavorado com o ribombar do trovão e o estalar das grandes árvores sob a fúria destruidora do coruscante raio. Praxiteles poderia dar-lhe mais beleza, mais solenidade tranqüila na postura, mas nunca atingiria a derramar na fisionomia e na atitude uma mais poderosa dramatização. Miguel Ângelo é, em vez, o mundo revólto dos sentimentos, o tumultuar das paixões, a dor, a fermentação escaldante das ideias. Em cada escultura de Miguel Ângelo há uma tragédia e um sonho como nas personagens de Shakespeare, tragédia e sonho que se enlaçam e amalgamam, que é impossível separar. A sua

do bezerro de ouro, e contra o monte estilhaço as sagradas tábuas.

Ao terminar a sua estátua, Miguel Ângelo, boquiaberto do próprio milagre, os olhos rasos de lágrimas, intimou-a: — Fala!

Moisés falou, que o ouvi eu.

O RÁDIO

Em todo o mundo não há mais que uns centos de gramas de rádio, em serviço dos laboratórios e em aplicações industriais. Não admira. Do minério mais rico que se conhece, que é o do Congo belga, não se extrai mais de um decigramma por tonelada, e menos ainda rende o minério português.

O alto preço do precioso metal resulta da sua raridade e também das complicadas operações que é necessário efectuar para o isolar das substâncias que o acompanham. O minério é transportado dos países de origem para as fábricas belgas ou outras, e já o preço do transporte onera fortemente o custo do produto que se extrai. Há, depois, a redução d'esse minério a pó fino, o seu ataque pelo ácido sulfúrico, que é preciso empregar também em grandes quantidades, depois pelo ácido clorídrico, pelo carbonato de sodio. Começa-se por trabalhar em cubas de enorme capacidade, e acaba-se por reduzir a substância útil a um volume que cabe em cápsulas de muito pequenas dimensões.

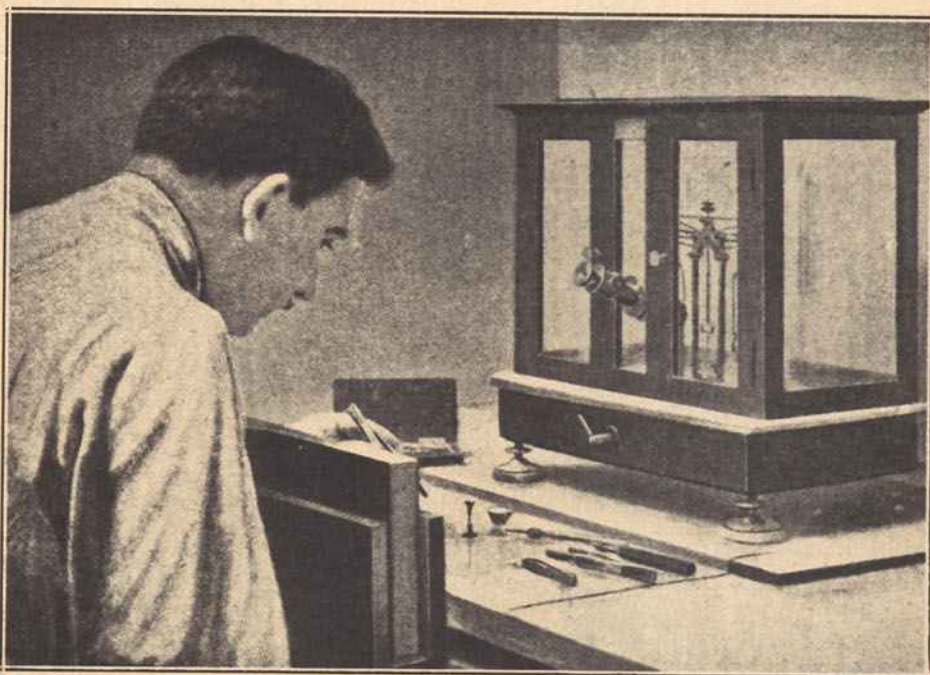
Cada uma de-sas operações é seguida de repetidas lavagens e de separação dos precipitados por filtrações sob pressão. Assim se chega a obter uma massa em que existe sal de rádio na proporção de 1 para 100.000, em

média, sendo o restante principalmente constituído por sal de bário.

Resta separar o rádio do bário, o que não é fácil. Não é rádio-activo este último metal, mas as suas propriedades químicas são muito semelhantes às do rádio. Obtem-se a separação tratando a mistura pela água a ferver, deixando arrefecer esta por forma a depositarem-se cristais, tratando novamente pela água a ferver, e assim sucessivamente. Obtem-se produtos em

que a proporção de rádio vai sendo de cada vez mais forte.

Há, porém, que ter cuidado em que se não perca qualquer porção do precioso metal, por mínima que seja, visto ser tão elevado o seu preço. Para reconhecer que as águas não arrastam qualquer parcela de rádio, usa-se um aparelho especial, o electroscópio de folha de ouro, cujo emprêgo se funda na propriedade que tem os corpos rádio-activos de ionisar o



Introdução do rádio em tubos de platina. O operador trabalha defendendo o tronco com uma espessa camada de chumbo



Fotografia tirada num aposento em completa obscuridade, sob acção das radiações emitidas pelo rádio

ar, isto é, de o tornarem condutor de electricidade.

Conhecem-se hoje uns trinta corpos rádio-activos, assim chamados porque emitem espontaneamente radiações denominadas por três letras do alfabeto grego — α , β , γ . Os raios α são constituídos por particulas atómicas carregadas de electricidade positiva e lançadas a velocidades de cerca de 20.000 quilómetros por segundo. Têm pouca penetração. As que formam os raios β são de dimensões muito mais reduzidas, electrizadas negativamente, com velocidades maiores, e mais penetrantes. Os raios γ são comparáveis os raios X, têm enorme poder de penetração, tanto que atravessam facilmente o corpo humano, e são necessárias para os deter camadas espessas de chumbo.

Emitindo estas radiações, a substância transforma-se, justificando aquela transmutação dos metais que os alquimistas sonharam, e de que sorriam os químicos há poucos anos ainda. Até já se obtiveram transmutações artificiais, mas sem qualquer alcance prático.

De aplicações, quanto ao rádio, há principalmente a aplicação que d'ele faz a medicina, sobretudo no tratamento do cancro. O futuro dirá que outras utilidades poderemos tirar dum corpo de tão interessantes propriedades que emite radiações suficientes para impressionar chapas fotográficas e tem tão poderosa acção sobre as células que só pode ser manejado com extremas precauções.

F. MIRA.

SANTOS E POETAS

Santa Teresa de Jesus e Santo António de Lisboa, vivem na mesma ternura confundidos no meu coração. Como católica gosto muito deles porque foram santos; como amorosa que sou das belas letras, gosto muito deles porque foram poetas...

E que santos! E que poetas!
Ela foi, conforme creio, a única doutora da Igreja; Ele, o nosso Santo António, o pensador profundo, o eleito insigne da oratória sagrada. Ambos foram fervorosos na oração, penetrantes no meditar, diligentes no agir. Semearam a boa semente, com o suor do rosto, lavrando e cultivando o campo fecundo do cristianismo. Santa Teresa foi a grande reformadora da ordem das Carmelitas; Santo António o discípulo perfeito do pobrezinho de Assis. Por onde passavam o ambiente purificava-se, as almas elevavam-se, os corações ardiam...

Nas suas almas, encantados jardins de santidade, floresceu a virtude excelente, a humildade; flor bem dita que embalsama o Céu!

Em ambos era igual o amor pela pureza, pela absoluta brancura...

E ambos amavam apaixonadamente a Jesus Menino.

Ora aconteceu que Teresa viu um dia um Menino resplandecente, que em voz capaz de enternecer rochedos, lhe perguntou:

— Quem és tu? Como te chamam? Em êxtase a Santa respondeu:

— Sou Teresa de Jesus!

E logo o Menino disse docemente:

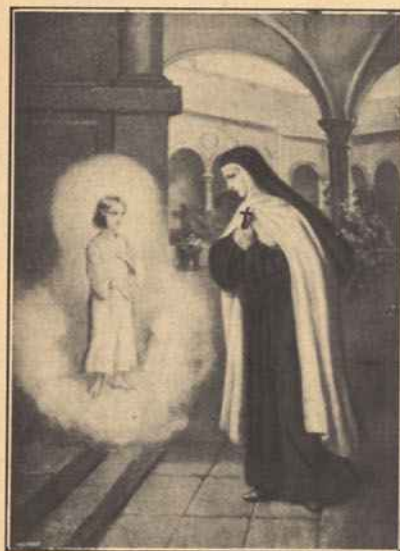
— Pois eu sou Jesus de Teresa! — Foi este mimoso episódio lavado de frescura primaveril, que o saudoso Júlio de Castilho graciosamente pôs em verso.

Ao nosso taumaturgo acontecia vir do Céu o Menino Jesus brincar com ele... Puxava travesso o capuz ao pobre hábito do franciscano... (lá diz Augusto Gil...) acordava-o no meio do curto sono, poisava sobre o livro que António lia ou meditava e quantas vezes andava ao colo do enlevado Santo, a beber-lhe o sôro dos divinos lábios, palavras de amor e de sabedoria!?

Santa Teresa de Jesus aprazia-se de escrever de vez em vez em verso.

O estilo de Santo António, terso e claro como fio de água correndo, é repassado de verdadeira poesia!

Veja-se para exemplo os trechos dos seus sermões que gostosamente apresento.



Comparando o justo à rosa, ao lírio, ao incenso, ao vaso de ouro, diz o nosso António:

— Como a flor da rosa em dia verde. Das coisas são de notar na rosa; a punção e o leite. Punge o espinho, a flor deleita. Assim na

alma do justo há o espinho que compunge e o perfume que deleita. E isto em dia verde, que folga o justo com a adversidade em tempo prospero.

— Como o lírio no discurso da água. Nos lírios se prefigura a pureza da alma e do corpo. Estão os lírios puros no discurso da água. No século que passa, o justo conserva-se puro no meio da abundância temporal.

— Como o rescedente incenso em dia estivo. Talha-se no estio a árvore do incenso para estilar no outono a goma embalsamada. Assim é o justo atribulado agora para colher depois o fruto eterno.

— Como vaso de ouro maciço. É a cavidade do vaso receptiva de líquidos, é a humildade do coração justo receptivo de graças. Com razão se chama ao justo vaso de ouro maciço. Vaso porque é humilde; de ouro, porque é precioso e fulgido; maciço porque está cheio de esperança na própria imortalidade!

Pois não são estas comparações verdadeiramente poéticas?

Não sei fugir à tentação de transcrever este lindíssimo e proveitoso excerpto, em que exorta a que sejamos como a abelha:

— alma curiosa que em tanta coisa a um tempo te dissipas; não procures a-formiga, mas a abelha e dela aprende a sabedoria. A abelha não requesta muitas flores duma vez. Não cobices pois as flores de conceitos vários, não te afanes sempre por livros novos, nem passes desta àquela flor como fazem os fastiosos que almejam sempre por dizeres raros, por doutrinas novas, investigando sem pausa, ideias e palavras sem nunca alcançarem ciência verdadeira. Retira dum livro o que precisas e resguarda-o na colmeia da memória!

Mais este bocadinho de ouro, em que compára a vide à Virgem Maria dizendo:

— Tem a vide gomos, flores e cachos. Tudo isto tem aplicação à Virgem. Chama-se a vide deste nome porque tem a força, vis, de mais depressa radicar ou porque mais e melhor se enleia e estreita. E a Virgem Santa que entre tôdas mais depressa e fundo se radicou em o amor à verdadeira vide, isto é, o seu Filho, ao qual inseparavelmente se enleou. Não tem o parto da Virgem Santa exemplo no fruto das mulheres, mas tem semelhança na natureza das coisas. Frês braços desta vide foram a saudação angélica, a descida do Espírito Santo e a insondável concepção do verbo. Dêstes três braços se propaga e multiplica todos os dias pela fé em todo o mundo, a prole dos fiéis. Os gomos da vide são a humildade e a virgindade de Maria. As flores, a fecundidade sem corrupção, o parto sem dor. Frês cachos a pobreza, a paciência e a abstinência. Estas são as uvas maduras das quais mana o vinho odorífero que enebria e enebriando torna santas as almas dos fiéis!

Poeta e Santo o nosso Santo António, o nosso, embora a Itália lhe chame seu...

Mas voltemos a Teresa de Jesus, àquela que ardendo de amor por Deus, dizia aludindo ao demónio:

— Desgraçado! Não pode amar!

Quero transcrever do belo livro intitulado a *Seraina do Carmelo*, escrito pelo religioso lidalgo que foi o Conde de Samodães, o que a Santa diz no seu *Caminho da Perfeição* sobre o êxtase na oração, estado n'ela muito frequente:

— Deveria eu agora explicar o que a alma sente interiormente quando está neste repto: deixo isso para aqueles que souberem expô-lo, porque como poderei eu explicar aquilo que não compreendo? Quando ao sair desta oração e depois de ter comungado eu pensava sobre a maneira de exprimir por meio de palavras o que faz a alma quando está submergida em tão grande beatitude, disse-me Nosso Senhor:

— Minha filha, a alma esquece-se inteiramente de si para entregar-se toda a Mim; já não é ela que vive, sou Eu que vivo nela e isto é tão incompreensível que tudo que ela pode compreender é que nada compreende!...

Quem ler com atenção a obra de Teresa de Jesus: o *Caminho da Perfeição*, as *Maradas*, o *Espelho da alma*, vê como Ela faz profunda psicologia, como soube penetrar até ao mais



recondito escaninho da própria alma, e como a soube revelar à clara luz do dia, bela e grandiosa, ingénua e quasi infantil!...

A carta que vou transcrever, escrita por Teresa ao Irmão, Lourenço Gepeda, demonstra a frescura juvenil dessa extraordinária alma!

Eis a carta:

— Mandaram-me aqui a Toledo, onde estou, as tuas cartas que me distraíram muito e devir-tiram as minhas Irmãs; foram lidas ao recreio. Quem te proibisse o gracejo, meu querido Irmão, seria o mesmo que tirar-te a vida; mas como é a santas que te diriges, acautelas-te menos e em verdade são santas estas irmãs e não poucas vezes me causam a maior confusão!

Era ontem a festa do Santíssimo nome de Jesus e houve grande regosio no Mosteiro. Deus te agradeça os benefícios que nos tens feito, por mim só posso responder-te enviando-te êsses poucos versos que fiz por ordem do meu confessor para recrear as irmãs. A música é bonita e eu quisera que o jovem Francisco (1) os aprendesse de cor!

Esta simplicidade, candura e alegria revelam bem a alma de Teresa.

Julgo ver no Convento do Carmo em Toledo, no Claustro florido, à hora do recreio... a Santa lendo as suas queridas freirinhas, a carta chistosa do irmão!...

Teresa de Jesus! Santo António de Lisboa! Como tenho razão de os amar, de os confundir na ternura do meu coração!

Mas de Santa Teresa tenho uma queixa...

Como é que vivendo séculos depois do nosso teólogo e taumaturgo Santo António, não esteja o seu nome na lista que nos deixou dos Santos da sua devoção, dos seus protectores?

Como se parecem todavia!

Na profundidade do pensamento, na pálera virtude, na ardência da Fé!

Chamava Santo António a humildade: *escada para subir a Deus* e por essa escada de mística formosura a sua alma subiu, borboleta enamurada do infinito, a mergulhar na luz que jamais se apaga!

Três séculos depois, em 1581, como Ele nostálgica da beatitude preconcebida do Céu, pela mesma mística escada Teresa subia!

Antes anos, ardendo no desejo da morte, escrevera estas formosas estrofas:

*Ay que larga es esta vida!
Que duros estes destierros!
Esta carcel y estes hierros
En que el alma está metida!
Solo esperar la salida
Me causa un dolor tão fiero
Que muero por que no muero!*

(1) Suponho-o sobrinho da Santa.



O MUNDO PERDIDO

GRANDE ROMANCE DE AVENTURAS

por Conan Doyle



(Continuação do n.º 30)

Passou-me o livro. Franzi as pálpebras ao olhar a gravura: essa reconstrução dum monstro pre-histórico apresentava uma aparência extrema com o esboço do desconhecido artista.

— É, evidentemente, muito curioso — disse eu.

— Não admite que seja concludente?

— Talvez não haja mais que uma simples coincidência. Talvez o seu americano tivesse visto uma gravura deste género que o impressionasse e é fácil de conceber que mais tarde, no delírio, se lembrasse do que vira.

— Muito bem — disse o professor com indulgência — não falemos mais nisso. Mas queira ter a bondade de examinar este osso.

Examinei-o. O osso que ele me apresentara, medindo cerca de seis polegadas de comprimento e da largura de dois dedos, tendo ainda numa das extremidades alguns fragmentos dissecados de cartilagem, era o mesmo que ele me tinha apontado como fazendo parte do espolio do artista americano.

— A que animal conhecido atribuiria esse osso? — perguntou-me.

Procurei recordar algumas nações muito longínquas.

— Dir-se-ia uma clavícula humana — atirei, ao acaso.

O professor fez um gesto de desdém e desprezo.

— A clavícula humana é curva. Esse osso é direito e está furado por uma ranhura em que deve ter funcionado um tendão. Não tem nada de comum com a clavícula.

— Então confesso a minha ignorância.

— Escusa de corar. Toda a imprensa de South Kensington não sabe mais do que o senhor.

Tirou duma caixinha um osso do tamanho duma favo.

— Este osso, que é dum homem, corresponde ao osso que o senhor tem na mão e que é dum animal: avalie, por isto, as dimensões do bicho. E note que o osso não é um osso fóssil, mas recentemente descarnado, como o provam os fragmentos de cartilagem que ainda lhe estão aderentes. O que pensa disto, o senhor?

— Talvez que um elefante.

Ele teve um movimento de revolta.

— Falar dum elefante a propósito da América do Sul!

— Então — aventurei — qualquer desses grandes animais... um tapir, por exemplo.

— É preciso que admita que eu conheço a fundo os elementos do problema. Este osso, fique-o sabendo, não pode provir nem dum tapir, nem de qualquer outro animal já classificado pela zoologia. Provém dum animal muito grande, muito forte, que existe em qualquer parte do mundo, mas que a ciência ainda não descreveu. Continua a mostrar-se scéptico?

— Estou, pelo menos, profundamente interessado?

— Ainda bem! Ainda há, no seu caso, uma certa esperança. Lá no fundo a razão está desperta e nós vamos, pacientemente, lentamente, experimentar chegarmos até onde ela está. Bem. Deixo agora o artista americano e vou prosseguir no meu relato. O senhor compreende bem que eu não podia deixar o Amazonas sem ter profundado a minha descoberta. Era pouco mais ou menos conhecida a direcção que o falecido tinha tomado para a aldeia, mas as lendas indias teriam bastado para me guiar, porque uma tradição comum a todas as povoações ribeirinhas atestava a existência dum país estranho. Sem dúvida, já ouvira falar de Curipiri?

— Nunca ouvi.

— Curipiri é o espírito das florestas, um ente malfazejo e terrível, que se deve evitar. Nin-

nas por meio da persuasão e de presentes apropriados, a que por vezes acrescentei, confesso, a ameaça do recurso à força e obtive o concurso de dois dèles para me servirem de guias. Depois de várias aventuras, sobre as quais me não deterei, ocorridas no percurso dum trajecto mais ou menos longo e cuja direcção não quero dar a conhecer, chegámos, enfim, a uma região que nunca foi descrita e nunca até então tinha sido visitada senão pelo meu infortunado predecessor. Tenha a bondade de deitar uma vista de olhos a isto.

Mostrava-me uma fotografia do formato de 10 X 16.

— O aspecto defeituoso desta prova é devido a ter-se virado o barco em que eu descia o rio, partindo-se a caixa que continha os «filmes», muitos dos quais ficaram deteriorados. Este acidente foi para mim uma perda irreparável, quasi um desastre. Todavia, salvei ainda algumas fotografias, entre as quais essa que o senhor aí tem e estou certo de que não lhe repugna aceitar esta explicação do estado em que ela se encontra. Tem-se por aí falado em falsificação, mas eu não me sinto disposto a discutir semelhante alegação.

A fotografia, muito descolorida, tinha um tom brumoso que se prestava a interpretá-la com más intenções. Representava uma região triste e baça em que distingui, examinando-a atentamente, uma planície escalonada de árvores que iam até uma linha de altas penedias, que davam, precisamente, a impressão duma imensa catarata vista a distância.

— O sitio parece-me o mesmo do esboço de Maple White.

— É o mesmo, com efeito. Ainda lá descobri vestígios do acampamento do artista. Olhe agora para isto...

Era ainda a mesma paisagem, mas vista de mais perto. A fotografia, a pesar de muito deteriorada, mostrava nitidamente, destacando-se da massa principal de penedias, o rochedo estreito e esguio, uma verdadeira agulha rochosa, terminada por uma árvore.

— Decididamente, já não tenho de que duvidar — disse eu.

— Vamos avançando, não é verdade? Ora faça-me o favor de examinar aí essa agulha rochosa. Não lhe nota nada?

— Uma grande árvore.

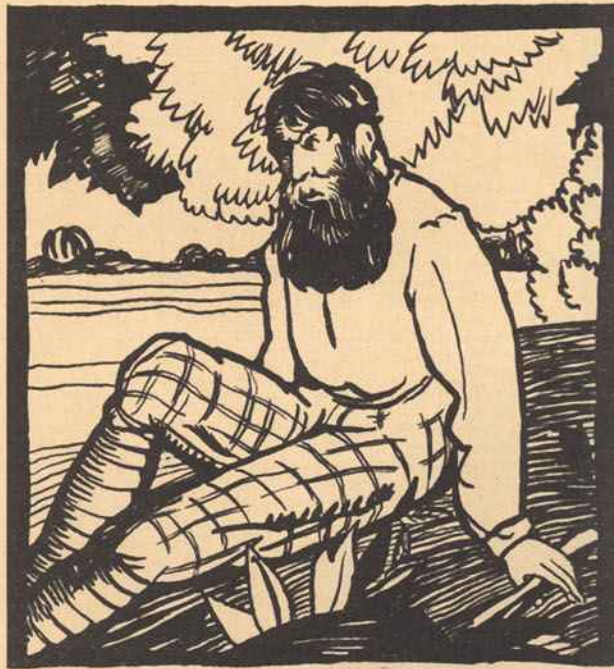
— E em cima da árvore?

— Um grande pássaro.

Apresentou-me uma lente.

— E isso — disse eu, com o olho sobre o vidro — em cima da árvore está um pássaro grande, com o bico muito comprido, uma espécie de pelicano.

— Apresento-lhe os meus cumprimentos pela sua perspicácia. Mas não se trata dum pelicano, nem duma ave, sequer. É natural que o senhor

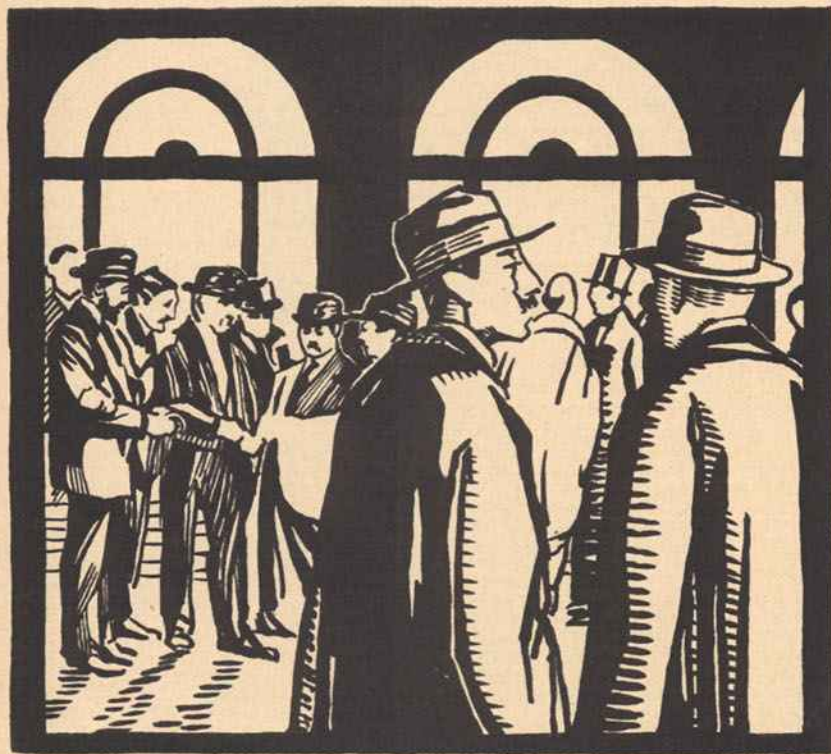


Quando a ondulação me depôs, inanimado, numa ilha, eu conservava ainda apertado na mão o misero destróço que lhe vou mostrar

guem conhece precisamente nem a sua forma nem a sua natureza, mas basta ouvir-lhe o nome para que toda a gente tremia, dum extremo ao outro do Amazonas. As várias tribus estão todas de acôrdo quanto à direcção do local onde reside Curipiri e esta direcção era aquela donde tinha vindo o americano. Havia em tudo isto um tremendo mistério, que eu precisava esclarecer.

— E o que fez o senhor?

— Consegui vencer a repugnância dos indíge-



Ao chegarmos, encontramos uma audiência com que não contaríamos.

tenha interesse em saber que se trata dum animal do qual consegui abater um semelhante, o que me deu ensejo a uma prova, unica sem dúvida, mas absoluta, das minhas descobertas.

— E o senhor tem essa prova?
— Tê-la-ia ainda se, por desgraça, esse magnifico espécimen não tivesse tido a sorte das minhas fotografias, se não tivesse desaparecido no meu naufrágio. Ainda o cheguei a agarrar, quando ele ia a desaparecer nos turbilhões da corrente, mas dêle só me ficou na mão um fragmento da asa. Quando a ondulação me depôs, inanimado, numa ilha, eu conservava ainda apertado na mão o misero destrôço que lhe vou mostrar.

Tirou duma gavêta um osso curvo, de dois pés de comprimento pelo menos, do qual pendia uma membrana. De mim para mim pensei que aquilo podia ser a parte superior duma asa dum morcego monstruoso e comuniquei a minha suposição ao professor.

— Ora, pois! — exclamou elle, num tom repreensivo. — O ambiente em que vivo nunca me permitiu supor que fossem tão pouco conhecidos os principios elementares de zoologia. Como diabo é que o senhor ignora esta verdade elementar de anatomia comparada: que a asa da ave é constituída por um antebraço, ao passo que a do morcego se compõe de três dedos espaçados entre si e ligados por membranas? No nosso caso, o osso em questão não pode ser proveniente de uma ave, porque nada tem dum antebraço e vê-se, por outro lado, que também não pode provir dum morcego, porque é unico e tem uma só membrana. Se ++ provém duma ave, nem dum morcego, qual será a sua proveniência?

Eu, que já tinha esgotado o meu pequeno fornecimento de conhecimentos scientificos, respondi apenas:
— Não sei.

Ele abriu o livro a que já se tinha referido e mostrou-me uma gravura:

— O monstro alado que aqui está representa o dimordophon ou pterodactylo, reptil voador do periodo jurássico. Volte a página e encontrará um diagrama representando o mecanismo da asa. Compare com o fragmento que aí tem.

Bastou-me um rápido olhar. A surpresa arrastou-me á convicção, cedi á concordância das

provas. O esboço de Maple White, as fotografias, o relato que elle fizera, o fragmento de asa, tudo isso formava um conjunto completo de demonstrações. E eu disse-o a Challenger, disse-lho com convicção, porque me penalizava vêr a maneira como toda a gente tratava este homem. Ele encostou a cabeça ao espaldar da cadeira e, com as palpebras cerradas, um sorriso indulgente no canto dos lábios, parecia tomar um banho de sol.

— O senhor acaba de me revelar cousas fantásticas! — exclamei, com um entusiasmo de jornalista de que a sciência pouco participava. — O senhor, moderno Cristóvão Colombo, encontrou um mundo ignorado. Se alguma vez mostrei dúvidas, disse me arrependo, porque sei, pelo menos — e julgo que mais não me pode exigir — reconhecer a evidência, quando ela se produz.

O professor rorrou de satisfação.
— E depois, o que fez o senhor depois?

— Tinha chegado a estação das chuvas e as minhas provisões estavam a acabar. Caminhei durante um certo tempo, ao longo da muralha gigantesca, procurando, em vão, um ponto por onde pudesse escalar-la. A agulha rochosa, sobre a qual vi o pterodactylo a que atirei, era mais accessivel. Os rochedos, de resto, são-me familiares e eu trepei áquello com facilidade.

«Lá do alto, a minha vista abrangia nitidamente o planalto que corria sobre a muralha de penedias: parecia-me muito largo, porque a este como a oeste se alongavam indefinidamente perspectivas de verdura. Uma região de pântanos e silvas, infestada de serpentes, de insectos e de febre, constitui uma barreira natural de defesa deste singular pais.

— O pterodactylo foi a única forma por que a vida se lhe manifestou?

— A única, senhor Malone. Mas durante a semana que ainda ficamos acampados, junto da alta muralha, ouvimos ruidos estranhos lá em cima.

— E o animal desenhado por Maple White?
— Maple White só o poderia encontrar no planalto e, portanto, existe um caminho para lá chegar. Esse caminho é, sem dúvida, muito difficil para ter impedido os animais de descer e de se espalharem pela região que rodeia o planalto. Parece-me evidente.

— Mas como se explica a existência desse planalto?

— Quanto a mim, só lhe encontro uma explicação, que é bem simples. A América do Sul é, talvez o senhor já tenha ouvido dizer — um continente granítico. No ponto de que nos occupamos ter-se-ia produzido, em tempos já muito afastados, um levantamento vulcânico, porque essas penedias são de basalto e portanto de formação ignea. Uma extensão de terreno do tamanho do Sússex, por exemplo, teria sido levantada em bloco com todos os seres que nela viviam e separada do resto do mundo por precipicios perpendiculares. A dureza das paredes tornava-as impraticáveis e disso resultou a suspensão das leis ordinárias da natureza no cimo do planalto. As diferentes influências que noutros sitios regem a luta pela vida estão no planalto neutralizadas ou modificadas e se assim não fôsse de há muito teriam desaparecido alguns animais que lá existem. Assim o pterodactylo e o stegosauro, que pertencem ao periodo jurássico, um dos mais antigos na ordem cronologica da vida, tem-se conservado artificialmente no planalto devido ás condições estranhas em que a vida ali se manifesta.

— Porque é que o senhor, possuindo provas tão decisivas, as não submete a juizes competentes?

— Pensei em fazer isso, ingenuamente! — disse o professor com azedume. — Pois fique sabendo que logo que pronunciei as primeiras palavras so encontrei incredulidade, estupidez e inveja. Não tenho feitiço para rapapés e não me empenho em provar qualquer coisa, desde que a minha palavra é posta em dúvida. Basta-me que se duvide uma vez para me tirar toda a vontade de produzir provas decisivas, como essas que possuo. Depois, o assunto tornou-se-me odioso e recusei-me a falar acêrca d'êle. Quando alguns homens como o senhor, representando a curiosidade do publico no seu aspecto mais imbecil, vinham perturbar o meu sossego, eu não os recebia, porque não saberia fazê-lo, com uma reserva digna. Convenho em que sou um pouco vivo de maneiras e que não é preciso puxarem muito por mim para me sentir inclinado para a violência. O senhor deve tê-lo notado.

Silenciosamente, esfreguei o olho que elle me maguara.

— Essa minha attitude tem-me valido bastantes admoestações de minha mulher, mas qualquer homem de honra e vergonha se sentiria como eu. Esta noite, porém, quero afirmar, com um belo exemplo, o império da vontade sobre as faculdades emotivas. Queira aceitar este convite.

E entregou-me um cartão, que apanhara da mesa.

— Como vê, o senhor Percival Waldron, o naturalista popular, deve fazer esta noite, ás oito horas e meia, no salão do Instituto Zoológico, uma conferência sobre as «Épocas Terrestres». Pedem-me para fazer parte da mesa e para entoar, em honra do conferencista, um cântico de louvores e agradecimentos. Tratarei, nesta altura, de emitir algumas observações cautelosas, mas susceptíveis de interessar a assistência e de despertar em alguns o desejo de descer um pouco mais ao fundo da questão. Nada de agressões, compreende? Mostrar simplesmente que o assunto tem profundidades ainda por explorar. Hei de puxar, a mim mesmo, a rédea e assim verei se, dominando-me, consigo melhor resultado.

— E eu posso assistir?

— Sem dúvida.
Mostrava-se agora duma jovialidade enorme, duma cordalidade pesadoma, que nêle impressionava quasi tanto como a sua habitual violência. E, com um extraordinário sorriso de benevolência, que lhe arredondou as bochechas como dois pomos vermelhos entre os olhos semi-cerrados e as grandes barbas negras:

— Va assistir: a presença de um aliado na sala, por mais desarmado e completamente ignorante que eu o saiba, ajudar-me há. Presumo que há de estar muita gente, porque Waldron, como todo o charlatão que se preza, tem uma clientela considerável. Mas já lhe concedi mais tempo do que pensava conceder-lhe, sr. Malone. Ninguém tem o direito de monopolisar o que a toda a gente pertence. Voltarei a vê-lo na sessão desta noite. Quanto ás elucidações que lhe forneçi, fica entendido entre nós que o senhor não fará uso delas.

— Todavia, o meu chefe, o sr. Arde, não deixará de me fazer algumas perguntas.

— Diga-lhe o que lhe vier à cabeça, mas não deixe de lhe dizer isto, que o senhor, de resto, pode certificar: que se ele me enviar um outro redactor, correrei o impostor à chibatada. Foi-me no senhor pelo que diz respeito à publicação de quanto lhe disse.

«Então, esta noite, as oito e meia, no salão do Instituto Zoológico»

Despediu-me com um gesto. Ao sair, levava no espírito a visão dumas bochechas rubras e inchadas, no meio duma ondulante barba azulada e de dois olhos agressivos.

CAPÍTULO V

A QUESTÃO

O duplo efeito do abalo físico e do abalo mental, que caracterizaram esta minha primeira entrevista com Challenger, perturbou-me a valer e foi neste estado que me encontrei de novo em Emmore Park. No meu cérebro dolorido agitava-se um único pensamento: o de que acabara de ouvir coisas verdadeiras, duma importância capital, que me forneceria, quando Challenger nisso consentisse, insuperável material para a *Gazette*. Um cab estacionava ao fundo da calçada: precipitei-me nele e fiz-me conduzir imediatamente à redacção. Me. Arde lá estava, como sempre, no seu posto.

— E então — perguntou ele, curiosamente. — O que há de novo? Parece-me que se volta duma batalha, hein? Não me diga que foi ele quem tomou a ofensiva.

— Tivemos, ao principio, uma pequena dificuldade.

— Naturalmente! E depois?

— Depois, ele tornou-se mais razoável e conversámos. Mas não consegui arranjar-lhe coisa alguma para publicar.

— Sim, sim! Estou daqui a ver um olho esmurçado que tem a assinatura dele e isso merece bem as honras da publicidade. Não podemos suportar por mais tempo esse regimen de terror, sr. Malone. Pena de talão. Prometo para amanhã a esse cavalheiro um artigo que lhe há de fazer ferver os olhos. Ajude-me: trata-se de o marcar para toda a vida. «O professor Munchhausen... que lhe parece este titulo? Ou «a resurreição de sir John Mandeville»? Ou ainda «O novo Gagliostro»? ... Se temos o trabalho de escolher um entre os impostores célebres. Porque eu hei de demonstrar o que ele é: um impostor.

— Não espere que eu me preste a isso.

— Porquê?

— Porque Challenger não é, de forma alguma, um impostor.

— O quê! — rugiu Me. Arde. — O senhor de certo não me vai dizer que acredita nas histórias que ele conta de mamuths, de mastodontes e de serpentes do mar?

— Desconheço tudo isso e duvido que ele conte essas infantilidades, mas creio que ele descobriu alguma coisa de novo.

— Mas nesse caso — por Deus! — pegue já na pena!

— Estou morrendo por isso, mas tudo quanto sei foi-me dito sob segredo, tendo eu prometido nada publicar.

Resumi, em meia dúzia de palavras, o relato do professor.

— Eis tudo! — disse, à laia de conclusão.

Me. Arde observava-me com um ar incrédulo.

— A reunião científica desta noite pelo menos — disse ele — não é secreta. Suponho que os jornais não darão noticia dela, porque a imprensa já por mais duma dúzia de vezes se tem ocupado de Waldron. Ninguém sabe que Challenger usará da palavra, de maneira que, com uma certa sorte, poderemos dar um golpe. Va até lá e dê-nos uma reportagem pormenorizada da sessão. Guardo-lhe espaço até à meia noite.

Depois dum dia tão movimentado, jantei cedo no Savage-Club com Tarp Henry, a quem contei a minha aventura. Enquanto ele me escutava, eu via-lhe o rosto magro carateando sorrisos e não pôde conter-se quando eu declarei que o professor me convencera.

— Meu caro colega, não é bem assim que as coisas se passam na vida real. Em regra, os

homens não fazem grandes descobertas de que logo em seguida perdem as provas. Deixemos essas fantasias aos romancistas. Challenger, em malícia, poderá levar de vencida toda a gaiola dos macacos do Jardim Zoológico, mas as suas invenções são demastadamente absurdas.

— Mas o artista americano?

— Nunca existiu.

— Mas eu vi o album dele...

— Era um album de Challenger.

— Na sua opinião foi, pois, Challenger quem desenhou o animal?

— Pois claro! Quem havia de ser?

— E as fotografias?

— Mas se não há nada nas fotografias. Segundo a sua própria confissão, só conseguiu ver um passaroço.

— Um pterodactylo.

— Isso é o que ele pretende que seja. Meteulhe o pterodactylo na cabeça.

— Bem, e os dois ossos?

— Um é proveniente dum carneiro e quanto ao outro foi simplesmente falsificado para o efeito. Com um pouco de habilidade e de experiência consegue-se falsificar tão bem um osso como uma fotografia.

Comecei a senhor-me pouco à vontade. Afinal, tinha aceitado precipitadamente as afirmações de Challenger. Bruscamente acudiu-me uma ideia.

— Acompanha-me à reunião? — perguntei.

Tarp Henry pareceu reflectir.

— Esse amável Challenger, não gosa, precisamente, de gerais simpatias, o que equivale a dizer que é um dos homens mais detestados em Londres. Inúmeras pessoas teem contas a ajustar com ele. Aquilo pode azequer demasiado, sobretudo se os estudantes de medicina se meterem no caso e eu não faço empenho em ir meter-me na boca do lobo.

— Todavia, era um dever de justiça ir, pelo menos, ouvi-lo.

— Tem razão! É uma questão de lealdade. Conte comigo esta noite.

Ao chegarmos, encontramos uma affluência com que não contáramos. Enquanto os automóveis se sucediam, despejando uma onda de professores de barbas brancas, pelo arco da entrada sumia-se uma multidão negra e compacta. A reunião científica cheirava antecipadamente a comício. Logo que nos instalámos na sala verificámos que o aniteatro fervilhava de rapaziada. Por detrás de mim filas inteiras de rostos reproduzindo o tipo familiar do estudante de medicina. Nenhum dos grandes hospitais tinha, evidentemente, deixado de fornecer o seu contingente. Todo este numero publico estava alegre, mas pouco inclinado à benevolência, entoando em côro cantigas populares, singular prelude para a palestra amena que ia seguir-se; e com uma desenvoltura que nos prometia uma noite passada alegremente esse publico irrequieto começava já arremessando para o estrado, que estava no fundo da sala, algumas apostrofes que não deixavam de incomodar aqueles a quem eram dirigidas.

Assim, logo que appareceu o velho dr. Meldrum, ostentando o lendário chapéu alto, de sob o qual surdium mechias de cabeleira, levantou-se um clamor de remoesques ao «penantes», que ele se apressou a tirar e a esconder debaixo da cadeira. Quando o professor Watley, tolhido de gôta, se arrastou até a sua cadeira, foi tal a solicitude dos rapazes em informarem-se do estado

dos seus artelhos doentes que o pobre homem ficou atrapalhado. No entanto a manifestação mais ruidosa foi a que acolheu o meu novel amigo Challenger, quando ele desceu a tomar lugar na frente do estrado. Um clamor enorme de boas vindas se elevou de toda a sala, saudando a sua barba negra. Entretanto eu pensava que Tarp Henry tinha razão, quando conjecturava que a multidão acudiria não simplesmente por causa da conferência, mas porque deveria ter-se espalhado lá fora o boato de que o famoso professor assistiria à sessão.

Alguns risos do publico elegante, nas primeiras filas de cadeiras, pareceram indicar que a manifestação dos estudantes não lhe tinha sido antipática.

A manifestação rompeu de subito, explodira, podendo comparar-se em intensidade aos rugidos duma jaula cheia de feras, quando sentem aproximarem-se os passos do tratador que lhes traz de comer. No entanto, por mais provocadora que ela tivesse sido, pareceu-me ser, no fundo, mais um pretexto de divertimento, revelando um certo interesse pelo alvejado, do que uma simples manifestação de hostilidade e de zombaria. Challenger sorriu com um ar de tédio, tranqüilo como se ouvisse os gemidos duma ninhada de fraldiqueiros. Sentou-se pausadamente, resfolegou e passou sobre a sala abarrotada o desdem das suas palpebras semi-cerradas. Ainda não terminara o alarido provocado pela sua chegada quando o professor Murray, que presidia à sessão, e mister Waldron, o conferencista, appareceram no estrado e a sessão começou.

Que o professor Murray me desculpe por ter que o consurar aqui, bem como a todos os seus compatriotas, por não saber articular distintamente uma sílaba. Porque será que algumas pessoas, que teem para dizer certas coisas que vale a pena ouvir, não fazem o ligeiro esforço de aprender a dizê-las? Parece-me isto tão insensato como o pretender-se vasar uma essencia preciosa através dum tubo rolhado, quando o mais fácil e logico seria desrolhar o tubo. O professor Murray segredou alguns pensamentos profundos à sua gravata branca e à garrafa de agua que lhe estava na frente, piscou um olho finório ao candelabro de prata que ardia a sua direita, retomou o seu lugar e Waldron levantou-se no meio dos aplausos da assistencia.

Era um homem de aspecto severo, magro, de voz rouca e maneiras aggressivas, mas tinha o dom da assimilação, a habilidade de transmitir ao publico, por uma forma intelligente e até interessante, as ideias dos outros, juntando a isto a arte de saber ser divertido mesmo nos assuntos mais inverosimeis, de tal forma que, tratados por ele, a precessão dos equinoxios ou a formação dum vertebrado tornavam-se assuntos espirituosos.



Tendo assim brincado com o seu interruptor, com aprazimento do auditorio, o conferencista tortou ao assunto, ao passado

Numa linguagem clara e até por vezes pitoresca, desenvolveu perante a assistência, a traço largo, a hipótese científica da criação. Falou-nos primeiro do globo rolando através do espaço a sua massa enorme de gases inflamados, depois falou-nos da solidificação, do arrefecimento e do enrugado da crosta terrestre, a formação das montanhas, o vapor condensado em água, a lenta preparação do tablado em que se ia representar o inexplicável drama da vida. Sobre a origem da vida uma prudente reserva. Podia admitir-se que os germens não tivessem sobrevivido facilmente à combustão primitiva e, portanto, a vida só mais tarde teria aparecido. Ter-se-ia desenvolvido por si mesma nos elementos inorgânicos que iam arrefecendo? Era muito verosímil, mal se concebendo a hipótese de que os germens tivessem vindo do exterior, num meteoro. De resto, quem mais sabia menos dogmático era neste ponto. Não existia ainda um laboratório, onde se fabricasse a vida orgânica com matéria inorgânica, não tendo ainda a química lançado uma ponte sobre o abismo que separa a vida da morte. Mas existia uma química da natureza, mais subtil, que, servida por grandes forças e em largos períodos de tempo, chegava a resultados que, em vão, procuraríamos atingir.

E o orador abordou a escala da vida animal. Começou por baixo, nos moluscos e nos infimos organismos do mar e ia-se elevando, de degrau em degrau, através dos reptis e dos peixes, até ao kanguru, que consigo transportava os filhos vivos e que era o antepassado directo de todos os mamíferos, em que estavam compreendidas, consequentemente, todas as pessoas presentes. (Um estudante scéptico, nas últimas filas: «Ora!... Ora!...»). Se o mancebo de gravata vermelha, que gritara



«Ora!... Ora!...», e que decerto julgava ter saído dum ovo, quisésse esperar à porta, depois da sessão, o orador teria grande curiosidade em ver esse fenómeno. (Risos).

Não se podia acreditar, sem um profundo espanto, que o esforço da natureza através dos séculos tivesse por suprema finalidade este mancebo de gravata encarnada. Mas o esforço não prosseguiria? Este cavalheiro representaria um remate, um total, um termo? Quisquer que fossem as virtudes domésticas do mancebo da gravata encarnada, não querendo melindrá-lo, assegurava-lhe que a sua criação não era suficiente para justificar o imenso trabalho do universo. A evolução continuava a ser uma força inexorável e sempre activa, prometendo resultados ainda mais consideráveis.

Tendo assim brincado com o seu interruptor, com aprazimento do auditorio, o conferencista tornou ao assunto, ao passado. Os mares, rolando, deixam emergir bancos de areia onde se manifesta uma vida preguiçosa e viscosa; as lagunas multiplicam-se; os animais marítimos tendem a refugiar-se nas elevações lodosas e, como ali encontram alimentação abundante, multiplicam-se.

«Dai proveio, minhas senhoras e meus senho-

res, essa horrível poluição de sáurios, que ainda hoje nos aterrorizam nos coletores de Waldron ou de Solenhofen, mas que, por felicidade, tinham desaparecido antes de o homem surgir sobre a terra.»

No estrado, um vozeirão mugiu:

— Eis a questão!

Waldron não era para brincadeiras em matéria de disciplina e o seu espirito cáustico, de que dera provas no incidente do estudante da gravata encarnada, tornava perigosa qualquer interrupção. Mas desta vez a interrupção fora tão extravagante, que o apanhara desprevenido. Hesitou um segundo e depois, levantando a voz, repetiu as últimas palavras:

—... Tinham desaparecido antes do homem surgir sobre a terra.

— Eis a questão! — mugiu novamente a voz.

Waldron passou sobre os professores, que se alinhavam no estrado, um olhar de assombro, que foi, por fim, fixar-se sobre Challenger, recostado na sua cadeira, os olhos cerrados, o rosto beatífico, como que sorrindo a um belo sonho.

— Ah! Já vejo quem é! — disse Waldron, encolhendo os ombros. — É o meu amigo Challenger.

E como só por ter feito esta verificação, sublinhada pelos risos da assembleia, se julgasse dispensado de outro qualquer comentário, Waldron retornou o fio da conferência.

Mas o incidente não estava terminado. Fosse qual fosse o caminho que o orador seguisse através dos desertos selvagens da pre-história, todos o levavam, invariavelmente, à afirmativa da desaparecimento de certas formas vivas e logo o professor Challenger voltava a fazer ouvir o seu mugir. O auditorio chegou a prever o momento exacto em que o mugido se ia produzir, manifestando-se alegremente quando ele se ouvia. Os estudantes aderiram logo em massa, à brincadeira. Mal a barba de Challenger remexia, antes mesmo de que ele pudesse emitir qualquer som, cem vozes berravam: «Eis a questão! Ao que logo respondiam outros gritos, numerosos também: «Fora! Ordem!» De nada valeu a Waldron ser um conferencista

Hilaridade

batido e um homem enérgico: desconcertado pelo barulho, a trapa-lhou-se, enredou-se numa frase

interminável e, voltando os olhos esgazeados para o sitio do estrado, onde estava sentado o autor da desordem, exclamou:

— Isto é, na verdade, intolerável! Professor Challenger, peço-lhe que suspenda essas interrupções descabidas e descorteses!

Houve um silêncio na sala. Os estudantes inclinavam-se para a frente, encantados com esta disputa no Olimpo. Lentamente, pesadamente, Challenger soergueu-se:

— E eu peço-lhe, por minha vez, senhor Waldron—disse ele— que suspenda essas asserções que estão em contradição com os dados da ciência!

Estas palavras desencadearam uma tempestade. «Fora! Fora! — Fale! — Fale! — Fale! — A questão! — Deixem falar!» As chufas e as imprecações misturavam-se. O presidente, de

pé, muito excitado, batia as mãos, bradava: «O professor Challenger... Mais tarde... Pontos de vista pessoais...» Só estas frases soltas dominavam o tumulto, como picos emergindo dentre as nuvens. O interruptor inclinou-se, sorriu, colou a barba e voltou a repimpar-se na cadeira. Waldron, muito vermelho e irritado, prosseguiu no seu discurso, mas de vez em quando deitava ao seu adversário um olhar carregado de ódio. Challenger parecia profundamente entorpecido, o mesmo sorriso beatífico a iluminar-lhe o rosto.

A conferência terminou. Suponho que foi um pouco corceada, porque a peroração pareceu-me extemporânea e sem ligação aparente com o resto. Rompera-se o fio ao discurso. Sentia-se no auditorio uma expectativa febril. Waldron sentou-se. Dos lábios do presidente correu um murmúrio informe.

Em seguida, Challenger levantou-se e avançou para a beira do estrado e eu comecei a escrever, para o meu jornal, o texto exacto do seu discurso: — «Minhas senhoras e meus senhores... (Ruído no fundo da sala). Minhas senhoras, meus senhores e meus meninos—por que eu peço-lhes que me desculpem ter esquecido uma parte considerável do meu auditorio. (Tumulto. O professor, de pé, uma mão no ar, balançando a cabeça, parece lançar ao público a benção pontifical). Fui encarregado de vos propor um voto de agradecimento a mister Waldron pela conferência pitoresca e fantasista, que acabamos de ouvir. Certas ideias expandidas pelo orador não condizem com as minhas e eu julguei-me obrigado a fazê-las notar à medida que iam sendo emitidas, mas nem por isso mister Waldron deixou de cumprir o seu programa, contando-vos, dum forma simples e interessante, a história do nosso planeta, tal como ele a concebe. As conferências populares não exigem dos que as praticam nenhuma espécie de esforço e mister Waldron não me ficou querendo mal se eu disser (o professor pisca o olho ao conferencista) que, por serem postas ao alcance dum público ignorante, (aplausos irónicos) essas conferências estão destinadas a ser superficiais e a criar ideias falsas. Os conferencistas populares são, por natureza, uns parasitas. (Furiosos gestos de protesto de Waldron). Exploram, com intuídos de réclamo e de lucro, a obra dos seus colegas pobres e desconhecidos. A mais pequena descoberta feita num laboratório, a mais modesta pedra arreada para o edifício da ciência valem bem mais que uma destas palestras, que servem para entreter umas horas de ócio, mas que não deixam nenhum traço, nenhum rasto útil. E se afirmo isto, que considero um facto, não o faço para desacreditar em especial mister Waldron; mas para vos não deixar esquecer a noção das proporções, anim de que não tomeis o acolito pelo celebrante (Waldron murmura qualquer coisa ao ouvido do presidente, o qual, soerguendo-se, segreda por sua vez, severamente, qualquer coisa à garrafa da água). Não insistirei no assunto. (Risos prolongados).

Apresso-me a tratar, com a vossa permissão, dum outro assunto mais vasto. Acerca de que pontos pus em dúvida, há pouco, escudando-me nas minhas investigações pessoais, as asserções do conferencista? Acerca da permanência, de certas formas da vida animal. Não falo como amador, nem mesmo como conferencista popular, mas como homem de ciência e de consciência e fundamento-me em factos, quando sustento que mister Waldron se enganava ao afirmar, por nunca os ter visto, que não existem esses animais, que ele qualifica de pre-históricos. Esses animais sem dúvida são, como ele disse, nossos antepassados, mas são — permitam-me a expressão — antepassados contemporâneos e podemos, em nossos dias, vê-los, certificarmo-nos da sua formidável hediondez, bastando-nos sómente ser suficientemente intrépidos para os procurarmos onde eles se encontram.

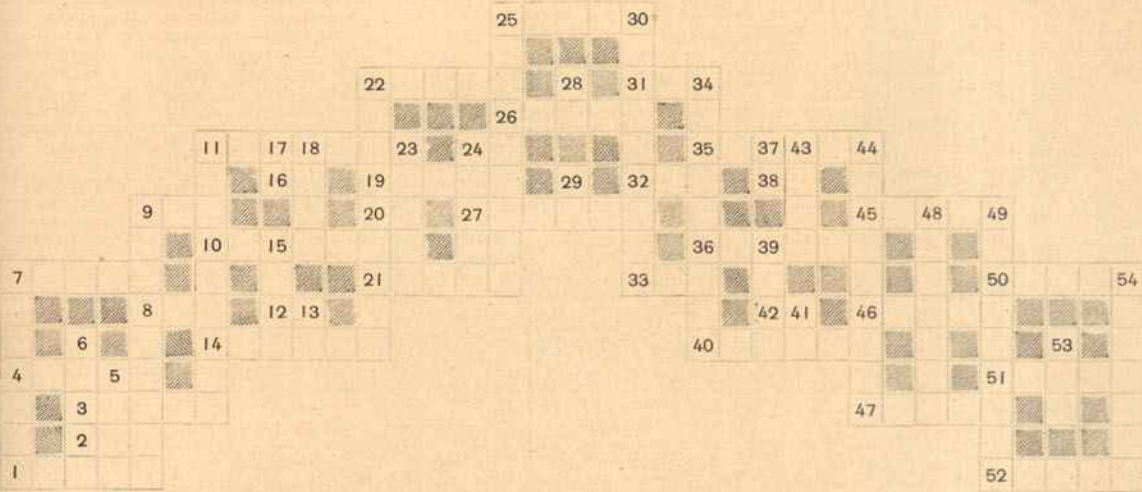
(Continua.)

Vêr, na pagina 2, as condições e prémios do nosso concurso do romance

O MUNDO PERDIDO

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS (Passatempo)



Horizontalmente:

1 Burros — 2 Reza. — 3 Abreviatura de Margarida. — 4 Anagrama de tripa. — 7 Estudante. — 8 Tom. — 9 Pronome possessivo. — 10 Cune. — 11 Instrumento para partir arame. — 12 Nota de música. — 14 Estrangeiras. — 16 Exclamação. — 19 Pequena linha de Caminho de Ferro. — 20 Advérbio de lugar francês. — 21 Cozinhar. — 22 Alma em Latim. — 24 Condicional. — 25 Cidade do norte de Africa. — 26 Pouco vulgares. — 27 Carpir. — 31 Existir. — 32 Firma de uma casa de electricidade. — 33 Verbo. — 35 Cumprimentar. — 36 Refeição. — 48 Andava. — 40 Habitante de um país da Europa (português arcaico). — 42 Nota de música. — 46 Não acertar. — 47 Esmola. — 50 Personagem do inferno. — 51 Nome de homem. — 52 Representação musical.

Verticalmente:

5 Sem mácula. — 6 Carruagem de mercadorias. — 7 Pintor. — 8 Permutarias. — 11 Cheia de mãe. — 13 Nota de música ao contrário. — 15 Gondusa um barco. — 17 Caminhava. — 18 Animal em francês. — 22 Discutis. — 23 Apelido de um navegador português cujo primeiro nome é Gil. — 24 Sagrada. — 25 Pôr o aparelho. — 28 Atmosfera. — 29 Andar. — 30 Farás ressoar. — 34 Guarda com cuidado. — 37 Grito. — 39 Toma a medida. — 41 Nova marca de automóveis, cujo Stand é nos Restauradores. — 43 Objecto de jogo. — 44 Apresento com instância. — 48 Animal ainda pequeno. — 49 Maltrapilho. — 53 Havia. — 54 Vê com cuidado.

UM QUADRADO PERFEITO (Problema)



Com oito pedaços de cartão do modelo A, quatro de B e quatro de C, é possível formar-se um quadrado perfeito. Querem experimentar?

O juiz: — A última vez que vocecê aqui esteve, disse-lhe que esperava nunca mais o tornar a vêr.

O prêso: — Eu bem sei que V. Ex.^a o disse .. mas não houve maneira do polícia me acreditar

PALAVRAS CRUZADAS (Solução do numero 30)

E	T	A					B	E	M	
V	E	G	A				L	I	G	A
A	M	A		M	B		S	A	L	
	E		B	O	I	S		S		
		M	E	N	T	O	L			
		A	R	G	O	L	A			
	P		G	E	L	A		M		
F	E	L		S	A		C	E	O	
E	R	I	N				R	A	I	L
Z	A	Z						L	O	A

A CONTAGEM DOS TRIANGULOS (Solução do numero 30)

Há várias maneiras de fazer a contagem e o resultado é 35.

Hospede irascível: — Este quarto lembra-me uma prisão.

O gerente do hotel: — Deveras? É claro, pode ser que V. Ex.^a tenha razão; eu, como pela minha parte, nunca estive prêso...

— Parece-me que o Mendes é homem de um espírito muito acanhado.

— Nada disso. Está sempre pronto a admitir que cada questão tem dois lados, o dêle e o outro onde está o erro.

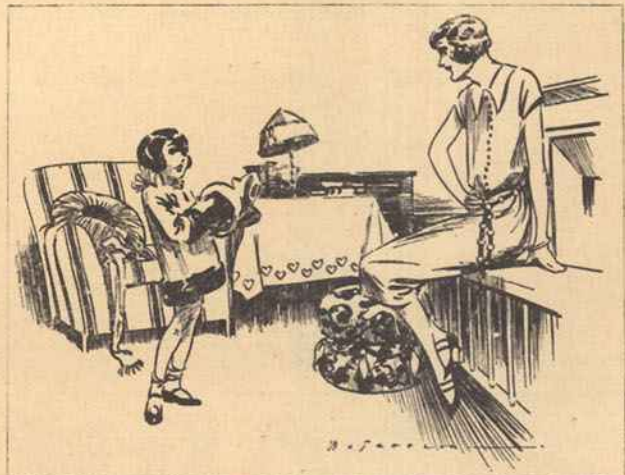
Carlitos: — Uma pessoa pode ser castigada por uma cousa que não tenha feito?

O professor: — Já se vê que não. Porque pergunta isso?

— É que eu não fiz as minhas contas.

A mãe: — Não deves fazer tantas perguntas, Mimi. A curiosidade já matou um gato, sabes?

Mimi: — Deveras, mamã? E o que é que o gato queria saber?



A mãe: — Espero que te tenhas portado como uma menina bem educada na tua visita a casa da senhora D. Joana.
A filha: — Já se vê que sim, mamã! Pus a mão na boca tôdas as vezes que bocejel.

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

SECÇÃO FRANCESA

LITTERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

- ANDARD (LOUIS) — *Crois le serpent avant la femme*. 9 fr.
 BEUCLER (ANDRÉ) — *Letres à une étoile*. 12 fr.
 BOURDEAUX (HENRY) — *La Fée de Port-Cros ou la Voie sans retour*. 12 fr.
 BOUCHAR (LÉON) — *La Femme à la queue coupée*. 7 fr. 50.
 DES ESNAULT (JEAN) — *La Danseuse au chrysanthème*. 12 fr.
 DURAN (LÉO) — *La Symphonie pathétique*. 9 fr.
 FREDERIX (PIERRE) — *L'Ange et la Couronne*. 9 fr.
 JEAN-RENAUD — *L'Homme au loup*. 12 fr.
 LEGUY (RAOUL) — *La Demoiselle du château*. 10 fr.
 NESMY (JEAN) — *Les Quatre Saisons de la forêt*. 15 fr.
 THIALET (GEORGES) — *La Poule aux œufs d'or*. 12 fr.

ENSAIOS E CRÍTICA

- LACRETELLE (JACQUES DE) — *Quatre études sur Gobineau*. 90 fr. belgas.
 LE GENTIL (GEORGES) — *Almeida Garrett, um grand romantique portugais*. 5 fr.
 MASSIS (HENRI) — *Raymond Radiguet*. 15 fr.

HISTÓRIA

- BEAUNIER (ANDRÉ) — *L'Amie de La Rochefoucauld*. 12 fr.
 CHAPOT (V.) — *Le Monde Roman*. (Tomo XXII da obra *L'Évolution de l'Humanité*). 30 fr.

SECÇÃO INGLESA

LITTERATURAS ESTRANGEIRAS

ALEMÃO

- SCHNITZLER (ARTUR) — *Beatrice and Other Stories*. Tradução de Agnes Jacques e Elsie M Lang.

RUSSO

- LYESKOV (NICOLAI) — *The Enchanted Wanderer*. Tradução de A. G. Puschkoff.

FILOSOFIA E RELIGIÕES

- BALFOUR (EARL OF) — *Familiar Reliefs and transcendent reason*. 1 s. n.
 KIEK (REV. EDWARD S.) — *The Modern Religious Situation*. 5 s.
 «OMICRON» — *Did Jesus Christ exist? 3 s. 6 d. n.*
 TAGORE (DR. RABINDRANATH) — *The Meaning of Art — Professor Tucci: The Idealistic School in Buddhism — Professor Formichi: Meditative and active India*. 2 s. 6 d. n.

HISTÓRIA

- ABRAHAMS (ISRAEL) — *Campaigns in Palestine from Alexander the Great*. 5 s. n.
 GREENWOOD (ALICE DRAYTON) — *History of the people of England*.
 WHITE (OWEN P.) — *Trigger Fingers*.

MEDICINA

- KOPELOFF (NICHOLAS) — *Why Infections? in Teeth, Tonsils, and other Organs*. 7 s. n.

Todas as obras desta secção que não indicam preço adiante de cada uma delas são a 7 s. 6 d. n.

ARTHUR CONAN DOYLE



Novelista dos de maior nomeada nas letras inglesas de hoje. Traduzidas suas obras em todas as linguas, não há ninguém que não conheça, pelo menos, uma das mais curiosas figuras criadas pelo seu engenho: a de Sherlock Holmes, policia amador extraordinariamente arguto, que das páginas do livro saiu para as taboas do palco e daqui para o écran vertiginoso. A relação das novelas de Conan Doyle é enorme. Dêl-citamos apenas duas ou três obras, das de maior expansão: *The White Company*, *Rodney Stone*, *The Sign of Four*, e também *o Mundo Perdido*, o sensacional romance de aventuras que a Ilustração está publicando em folhetins e sobre o texto do qual estabeleceu um interessante concurso. O celebre novelista inglês conta hoje 68 anos e nestes últimos tempos tem-se inclinado para o estudo do espiritismo.

INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES

O novo feixe de poemas da Condessa de Nouilles, agora aparecido, intitula-se *Honneur de Souffrir*. Mas a illustre poetisa francesa encontra-se nos últimos tempos voltada mais para a pintura do que para a poesia. Como se vê, a história do violino de Ingres repete-se infinitamente.

Anuncia-se em França a instituição de mais um Prêmio Literário, como se os existentes fossem ainda poucos: *Prix des Industries de Luxe*. Será anual e na importância de 30.000 francos. Joalheiros, fabricantes de automóveis, perfumistas, e até um Instituto de Be-

leza, subscreveram para a sua fundação. É claro que estes donativos serão bem paguados nos jornais, e daí uma grande publicidade, sugestiva mais que nenhuma outra — conseguida à sombra dos escritores.

Ainda a respeito de prêmios literários. A concessão do prêmio *Femina* d'este ano fêz ruidoso, fêz quasi escândalo. Diz-se que só devido a intervenção dum grande personalidade da politica francesa, chegando a pronunciar-se o nome de Poincaré, é que Charles Silvestre o alcançou, com o romance *Prodige Cœur*, como é sabido. Em detrimento de M.^{me} Lucienne Favre, que tinha todas as probabilidades de ser eleita, em face do seu livro *Bab-el-Oued*, romance dum poderosa originalidade, segundo a opinião da critica. — Charles Silvestre venceu sobraçando o seu livro, a que um critico deu o qualificativo de « mais insignificante de todos que se apresentaram a concurso! Esse critico fecha a sua mal-humorada alusão ao caso desta curiosa maneira: « On ne répètera jamais assez que les prix littéraires sont une institution stupide. »

Pierre Borel vai publicar uma *Vie Merveilleuse de Saint-François d'Assise*, com prefácio de Louis Bertrand, da Academia Francesa. Este, ascendendo também as célicas regiões, dará a lume a sua *Sainte Thérèse*, há muito esperada.

Alguns romances saídos recentemente e outros que se anunciam para breve: *La Retraite Ardente*, de Marcel Prévost; *Le Barrage*, de Henri Bordeaux; *Le Roi Leproux* e *Axelle*, de Pierre Benoit; *Minerve et le Charcutier*, de René Benjamin; *Monsieur Gastère*, de Henri Lavedan; *O toi que j'eusse aimée*, de Edmond Jaloux, que já prepara outro, *O Soleils disparus!*; *Le Drapeau Noir*, de André Salmon; *Souffrances Perdues* e *Sans ame*, ambos de André Thérive e ambos ainda em preparação; *Le Jardin Secret*, obra postuma, de René Boylesse; *Les Trompeuses*, de Maxime Formont; *Le Roi des Perles*, de Henri Allorge; *Ils jouaient avec la vie*, de Albert Erland; etc., etc.

Para a vacatura aberta pelo passamento de Jean Richepin propõe-se Tristan Bernard, o fecundo e scintilante comediografo conhecido em todo o mundo. Não deixa de ser interessante recordar que ele um dia afirmou que nenhum escritor deveria aspirar a tal glória senão depois dos oitenta anos. Ora Tristan Bernard está ainda bem longe dessa idade.

M.^{me} de Caillavet publicou, em 1908 e sob o nome de Philippe Lautrey, um romance com este titulo: *Roman d'une Demoiselle de Modes*. O mais curioso é que Anatole France ignora sempre, ao que parece, esta manifestação literária da sua companheira.

■ ■ ■

NOTA DA REDACÇÃO

Devido à suspensão que, durante bastantes dias, sofreram os serviços da Biblioteca Nacional de Lisboa, não podemos inserir neste numero a Bibliografia Portuguesa, que é norma nossa alternar com a Bibliografia Estrangeira. Logo, porém, que a repartição respectiva daquele estabelecimento official, retomando o curso regular de suas funções, nos possa fornecer os elementos necessários à elaboração dessas ultimas resenhas do movimento literário no nosso paiz, publicá-las-hemos em numeros seguidos, a fim de não ficarem truncadas as collecções daquelas dos nossos leitores que as costumam arquivar.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre		Semestre		Anual
	Escudos	22500	Escudos	44500	Escudos
CONTINENTE E ILHAS	25	50	50	100	100
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	27	54	54	108	108
INDIA, MACAU E TIMOR	27	54	54	108	108
ESPAÑHA	24	48	48	96	96
ESTRANGEIRO	32	64	64	128	128

BERTRAND (IRMÃOS) L^{DA}

**OS MAIORES ATELIERS
DE GRAVURA DO PAIS**

**TRAVESSA
DA CONDESSA DO RIO 27
TELEFONE TRINDADE 96**

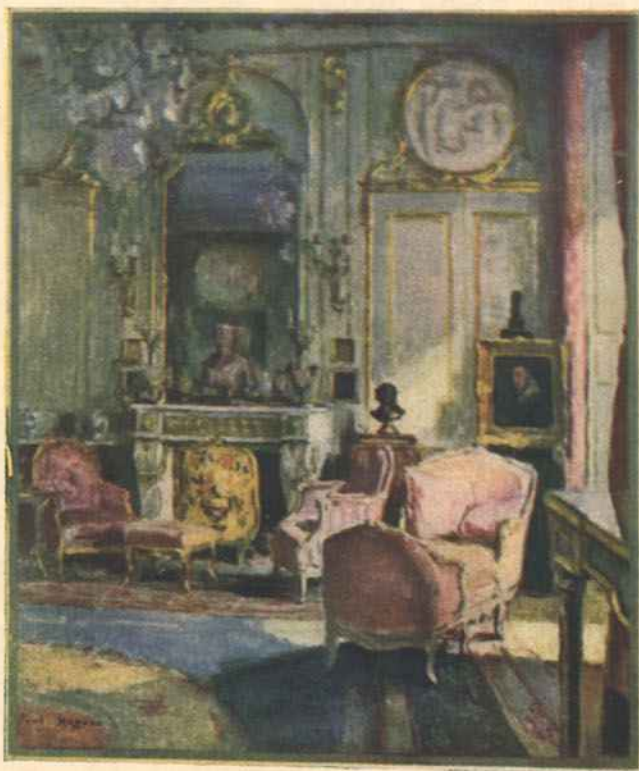
**TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCOGRAVURA
E DESENHOS**

LINCOLN

REQUINTE

O requinte de este interior revela-se em todos os seus detalhes; tudo, objectos de grande perfeição legados pela arte e a indústria da antiguidade. É o salão de um amador de arte que conhece e pôde escolher entre as creações mais belas do homem.

O «Lincoln» também foi criado para aqueles cujo gosto requintado sabe escolher o melhor entre uma multiplicidade de ofertas.

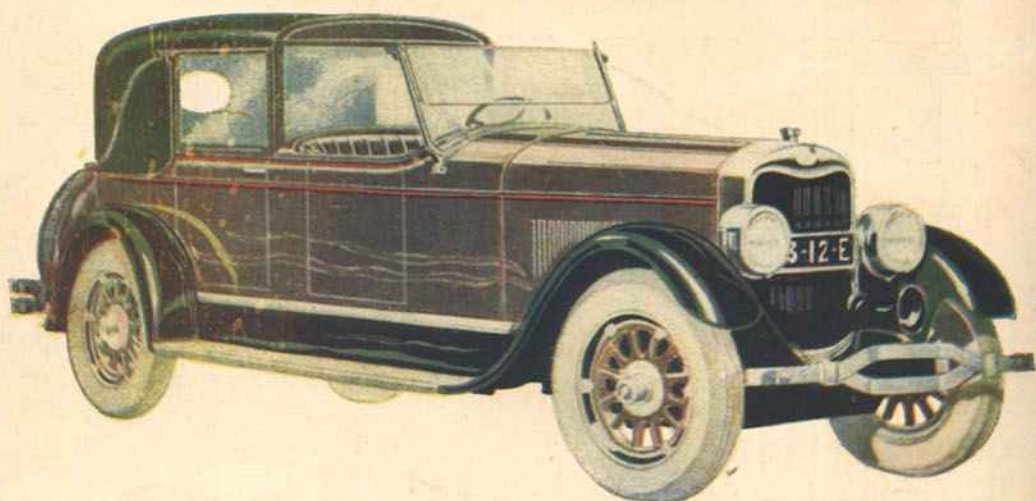


SALÕES DE EXPOSIÇÃO NAS PRINCIPAIS
CAPITAIS DE PORTUGAL E ESPANHA

LISBOA — Orey, Limitada, Rua Cals
do Foz, 53

MADRID — Avenida Pr. Margall, 11

BARCELONA — Diputación, 27



AUTOMÓVILES LINCOLN

AVENIDA DE ICARIA, 149

BARCELONA